

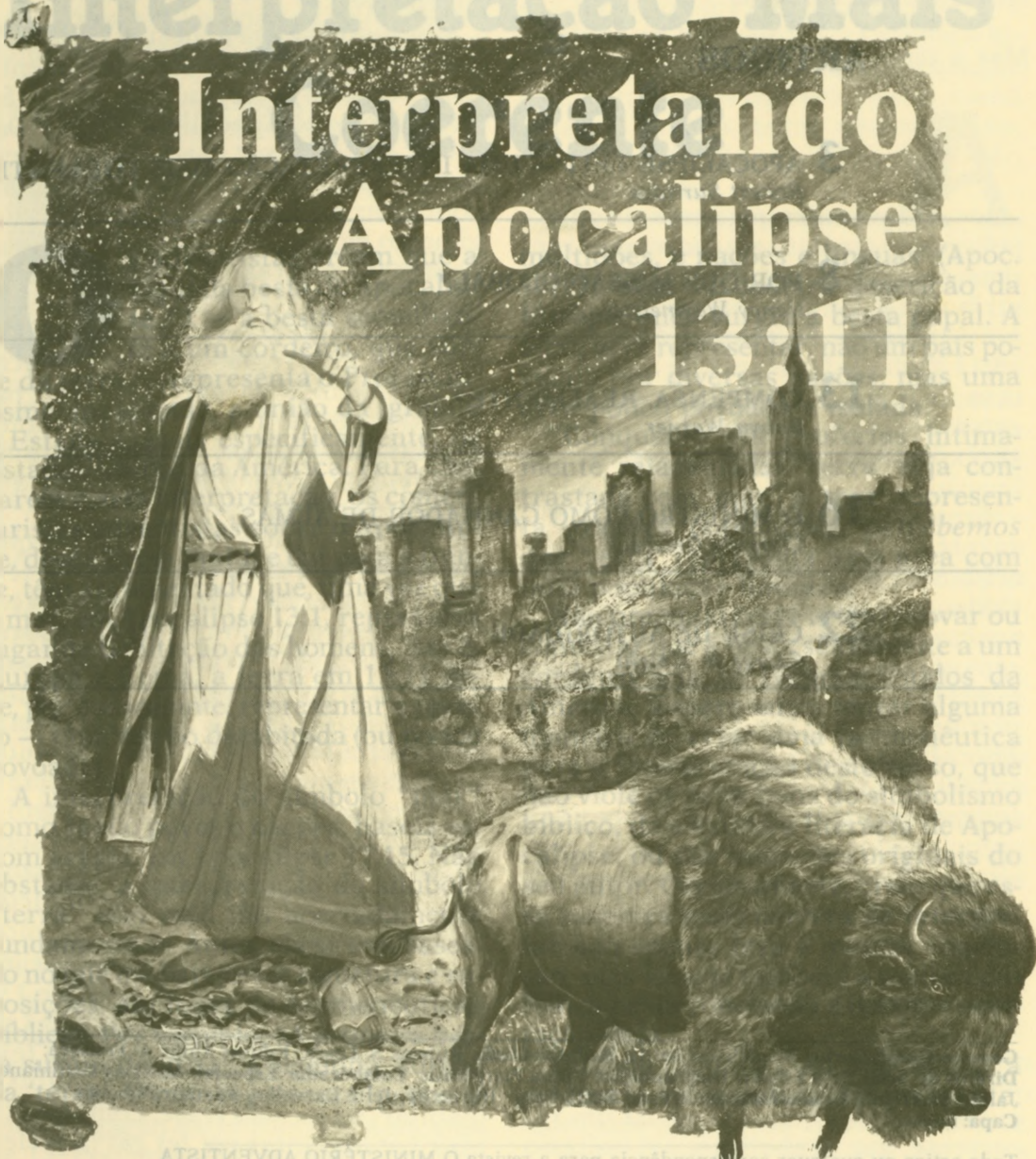
Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

Interpretando Apocalipse

13:11



Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 13-2600 - 70739 - Brasília, DF. Para assinaturas e informações, consulte a lista de assinantes e a seção de circulação da revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA. Para mais informações, consulte a seção de circulação da revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA. Para mais informações, consulte a seção de circulação da revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA.

ARTIGOS

3 APOCALIPSE 13:11 — UMA INTERPRETAÇÃO MAIS COERENTE
Robert Surridge

8 POR QUE MISSÃO GLOBAL?
Nancy Waymeister

13 COMPENSA, REALMENTE?
Robyn Warner

16 O MINISTRO COMO GANHADOR DE ALMAS
Clarence Gresbeck

22 CRISE DE AUTORIDADE
George R. Knight

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Vilma Piergentile; **Colaborador Especial:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorg Burlandy, Jefté Carvalho, Adamôr Pimenta.
Capa: Benone

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Apocalipse 13:11

— Uma

Interpretação Mais

Coerente

Os adventistas crêem que a segunda besta de Apocalipse 13 — a besta semelhante a um cordeiro, que surge da terra — representa o Protestantismo apostatado, a união da igreja e o Estado e, mais especificamente, os Estados Unidos da América. Para chegarem a esta interpretação, os comentaristas adventistas sobre o Apocalipse, desde Uriah Smith e daí para a frente, têm argumentado que, uma vez que o mar, em Apocalipse 13:1, representa lugar de habitação dos homens, isto é, Europa e Roma, a terra em 13:11 deve, por conseguinte, representar o oposto — uma região desabitada (ou pouco povoada).

A interpretação do símbolo “mar” como sendo povos e nações, baseia-se, com acerto, em Apocalipse 17:15. Não obstante, a interpretação do símbolo “terra” não está tão acertadamente fundamentada. Antes, ela se tem baseado no que me parece ser conjectura e suposições, em lugar de hermenêuticas bíblicas. Por exemplo: “A primeira besta surgiu do ‘mar’; a segunda, surgiu da ‘terra’”. O mar representa ‘povos, e

multidões, e nações e línguas’ (Apoc. 17:15), uma verdadeira descrição da Europa, onde surgiu a besta papal. A terra *deve* representar, não um país povoado por diversas nações, mas uma área pouco povoada e isolada.¹

“Conquanto em profecias intimamente relacionadas ‘terra’ seja contrastada com ‘mar’, e ‘mar’ representa grandes populações, *percebemos* que ‘terra’ representa uma área com uma população limitada.”²

Não pretendo neste artigo provar ou contestar que a besta semelhante a um cordeiro seja os Estados Unidos da América. Espero antes tentar alguma maneira de criar uma hermenêutica para a interpretação deste verso, que não viole os princípios do simbolismo bíblico, da estrutura literária de Apocalipse, ou das intenções originais do seu autor. Curiosamente, creio que essa maneira mais correta de interpretar não apenas leva à mesma conclusão, mas levaria também a maior confiança nesta conclusão e máxima aceitação dela.

Quando lidamos com Apocalipse, a evidência mais cabal, naturalmente,

Robert Surridge
Ministro ordenado da Associação
Sul da Inglaterra

vem-nos do interior do próprio livro. Depois do Apocalipse, precisamos consultar o Antigo Testamento, especialmente as passagens apocalípticas, pois o Apocalipse, de modo especial, depende do simbolismo do Antigo Testamento.³ Precisamos considerar também as obras apocalípticas não canônicas que influenciaram o estilo literário de João e nos orientam na interpretação dos símbolos que ele usou.⁴

Mar e terra no Apocalipse

A primeira pergunta suscitada pelo ponto de vista tradicional adventista, é: pode-se basear a interpretação atribuída a terra, de Apocalipse 13:11, no significado de mar, de Apocalipse 13:1? Tinha João em mente transmitir uma idéia de antônimos, como querem os adventistas, ou poderia terra e mar simbolizar juntos a totalidade da civilização?

Em Apocalipse 17:15 um anjo explica que o símbolo “águas” da visão descrita em 17:1, significa “povos”, multidões, nações e línguas.” Uma vez que aceitamos que o símbolo (*hudor*) pode ser usado para significar “mar” (*thalassa*) temos as bases para nossa interpretação de 13:1. Em outros lugares do Apocalipse, mar é um lugar habitado (cf. 8:9, 10:6 e 16:3). Em todos estes textos, porém, os habitantes do mar são mencionados em estreita ligação com os da terra (muitas vezes sofrendo a mesma sorte, como em 16:2 e 3).

Ao examinarmos os textos do Antigo Testamento, usados para apoiar nossa interpretação, verificamos que apenas Daniel 7:2 se refere ao mar. Os outros; Isaías 8:7 e 17:12; e Jeremias 46:7 e 8, referem-se a águas, em particular as águas que nascem de um rio corrente, que simbolizam um exército invasor. Isaías 17:12 fala da multidão que faz barulho como o mar, e talvez essa seja a maneira como o símbolo se

originou.

Embora apenas Daniel 7:2 apóie a interpretação de mar, como distinto de águas, para significar nações e povos, este texto tem fortes ligações com Apocalipse 13. Tem-se mostrado frequentemente que a primeira besta de Apocalipse 13 é uma combinação das quatro bestas de Daniel 7.⁵ Conseqüentemente, temos uma posição racional e defensável.

Contudo, não há a mesma evidência bíblica para apoiar nosso argumento com respeito a Apocalipse 13:11. Se aceitamos que Apocalipse 17:15 e Daniel 7:2 podem ser usados para interpretar Apocalipse 13:1, podemos então continuar achando que o lugar do surgimento da segunda besta seja automaticamente o aposto de “nações” multidões, povos e línguas”? Temos nós “provado” mediante esta suposição que ele é uma região deserta pacífica, escassamente povoada? Talvez sim, para satisfação de alguns. Mas o estudioso, familiarizado com o uso dos termos envolvidos, provavelmente ainda alimentará sérias dúvidas.

Uma declaração como: “Uma vez que ‘mar’ representa povos e nações. ... terra pode, com razão, ser considerada como representando uma região pobremente povoada”,⁶ é insustentável sem a evidência que mostre que nada há para provar o contrário. A fim de melhor entender a terminologia e o simbolismo nesse ponto, precisamos ampliar o nosso estudo, incluindo outra significativa palavra grega: *gê*, que é traduzida como “terra”, tanto em Apocalipse como em outros escritos proféticos apocalípticos.

Gê ocorre 70 vezes em Apocalipse, incluindo cinco menções no capítulo 13. Pelo menos metade das ocorrências se refere aos habitantes humanos da terra. Naturalmente, 11 têm *gê* e *Katoike* (habitar) na mesma frase, comumente *tous katoikountas epi tes ges* (aqueles que habitam sobre a terra), como em Apocalipse 11:10. Há, também, muitas referências a reis e governantes da ter-

ra, indicando uma sólida estrutura social, em lugar de um território virgem. Nenhuma das referências descreve *gê* como uma região não habitada.

Em Apocalipse 13:3, o significado de *gê* é exatamente o oposto de região pouco populosa, pois “toda a terra se maravilhou, seguindo a besta”. O verso 8 declara que “adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra”, e o verso 12, “*tên gen kai tous en autei*”, literalmente, a terra e aqueles nela.

A base literária de João

Expus acima que o ponto de vista tradicional adventista poderia ser fortalecido usando os princípios hermenêuticos corretos. Como assim? A única possibilidade é que haja algum indicador oculto, compreensível para os leitores originais de João, para mostrar que no verso 13 terra tem sentido oposto ao que possui no restante do capítulo, e de todo o Apocalipse. É esse indicador que devemos descobrir.

Quando lidamos com símbolos e passagens simbólicas das Escrituras, percebemos que o escritor está procurando ilustrar a verdade espiritual. Conquanto, porém, a verdade espiritual possa ter uma aplicação universal, o símbolo que ele usa não tem. Por necessidade, ele deve vir de sua própria base cultural. Portanto, a fim de compreender completamente a verdade espiritual, precisamos saber o que o símbolo teria significado para o autor e seus primeiros leitores.

O Apocalipse depende grandemente tanto do Antigo Testamento como da literatura apocalíptica judaica para seu simbolismo. Nós também percebemos a ligação entre Daniel e Apocalipse 13. Podemos encontrar um sentido simbólico para terra nas fontes literárias que supriram a João do seu rico simbolismo e linguagem figurada?

Daniel usa o radical hebraico e aramaico ‘rs para terra 18 vezes em seu livro, dez das quais se referem a pessoas que habitam sobre a terra. Nenhuma se refere a uma região deserta. No restante da literatura apocalíptica e profética do Antigo Testamento, notamos que a terra é também considerada o lugar de habitação do homem. Muitas vezes ela é usada para significar Israel ou a Palestina. O mesmo é verdade na literatura apocalíptica intertestamental. Terra significa o lugar da habitação dos homens. Assim, como palavra isolada, terra não tinha nenhum significado simbólico para João ou suas fontes.

Não obstante, é na literatura apocalíptica intertestamental que encontramos uma chave para a mensagem oculta de Apocalipse 13:11. J. M. Ford indica esta: “O capítulo 13 apresenta outra crença judaica associada com a vinda da era messiânica, especificamente as atividades do Leviatã e do Beemote... bestas gigantes ou monstros descritos em Jó 40 e 41.”⁷

Há certo número de referências a esses dois monstros em várias obras apocalípticas judaicas, um no apocalipse cristão e, mais curioso ainda, no Antigo Testamento. Muitos comentaristas crêem que... “as duas bestas de Apocalipse 13 são, sem dúvida, parentes distantes do Leviatã e do Beemote de Jó.”⁸ Se for o caso, precisamos então examinar este mito quando ele ocorre na literatura bíblica e intertestamental.

O uso do mito Leviatã-Beemote feito por João em Apocalipse 13

Jó 40:15-24 é a única referência bíblica ao Beemote, um boi parecido com um animal da terra. O Leviatã, contudo, aparece em Jó 41:1-34; Isaías 21:1; 27:1; Sal. 74:12-14; 104:26, e é um monstro aquático furioso e que respira fogo, soberbo e arrogante como a

besta de Apocalipse 13. É também um dragão de muitas cabeças, que Deus mataria nos dias do livramento de Israel (Sal. 74:14; Isa. 27:1). Os escritos proféticos do judaísmo faziam uso corrente do simbolismo dessas bestas míticas. Nos apócrifos, eles aparecem um pouco juntos, como acontece em Apocalipse.

O 4º Esdras, capítulo 6:49-52 descreve o Leviatã e o Beemote como monstros aquáticos pré-históricos, que foram originados por Deus no quinto dia da semana da criação. No terceiro dia, de conformidade com esta passagem, o Beemote foi lançado na terra seca e vivia entre milhares de colinas, porque a água que foi deixada não podia conter as duas bestas.

Em 1º Enoque, 60, encontramos uma história semelhante, e um pormenor a mais, relevante para a nossa compreensão de Apocalipse 13. Aqui, Beemote “ocupava com o seu peito uma grande região deserta, chamada Duidain no leste do Jardim onde os eleitos e os justos habitam” (verso 8). Curiosamente, 2º Baruque 29:4 declara que: “O Beemote será mostrado do seu lugar, e o Leviatã subirá do mar”, exatamente como em Apocalipse 13.

Em seu comentário sobre Jó 9, Pope fala sobre a origem do Beemote desde antes do mito ugarítico até o épico de Gilgamesh. De um extremo ao outro desses mitos, o Beemote, o monstro devorador, é sempre um animal terrestre com chifres salientes, como em Apocalipse 13:11.

Milik, em seu comentário sobre Enoque, apresenta também este animal mítico, dele falando desde antes do Épico de Gilgamesh. Após falar das montanhas gêmeas e do deserto sombrio de Deddain, descritos em Enoque 10:4, declara: “Nos tempos cristãos o autor do Livro das Parábolas foi ao local da mesma região (Deddain) do monstro do sexo masculino que tem o nome de Beemote.”¹⁰ Assim, João não foi o único entre os escritores cristãos primitivos a fazer referência a essa criatu-

ra.

Na verdade, o uso desse animal mítico se tornou bem aceito no cristianismo primitivo. (Um Leviatã como criatura aparece no Pastor de Hermas).¹¹ Naturalmente, o próprio Jesus usou figuras míticas com bom efeito na história do rico e Lázaro, Lucas 16. Mas sabemos que a compreensão das origens dessa história é necessária para torná-la fidedignamente adequada ao nosso sistema de crença. O mesmo é verdade com respeito à nossa compreensão do animal semelhante a um cordeiro, de Apocalipse 13.

Conclusão

A palavra terra não tem uma aplicação simbólica consistente em Apocalipse, como o têm chifres, estrelas, o cordeiro e outras palavras. Portanto, para sabermos o significado de Apocalipse 13:11, necessitamos ir além do contexto imediato, ao material literário com o qual os leitores de João estavam familiarizados. No Antigo Testamento e na literatura apocalíptica, verificamos que este foi o antigo mitougarítico do Beemote e do Leviatã. Este mito era bem conhecido dos judeus do primeiro século através da literatura apocalíptica,¹² e eles devem ter sabido que a primeira besta surgiu de mar populoso e, a segunda, de uma região distante e pouco povoada.

Por causa disso, os primeiros leitores de João devem ter reconhecido que ele estava usando os símbolos bem conhecidos do mito Beemote-Leviatã, tomados de Jó e outros lugares, para transformar em um assunto espiritual contemporâneo. As ligações com a terra, em Apocalipse 13:11 e a região deserta de Duidain (ou Deddain), na qual o Beemote foi lançado, apontam o caminho para as complicações originais de João.

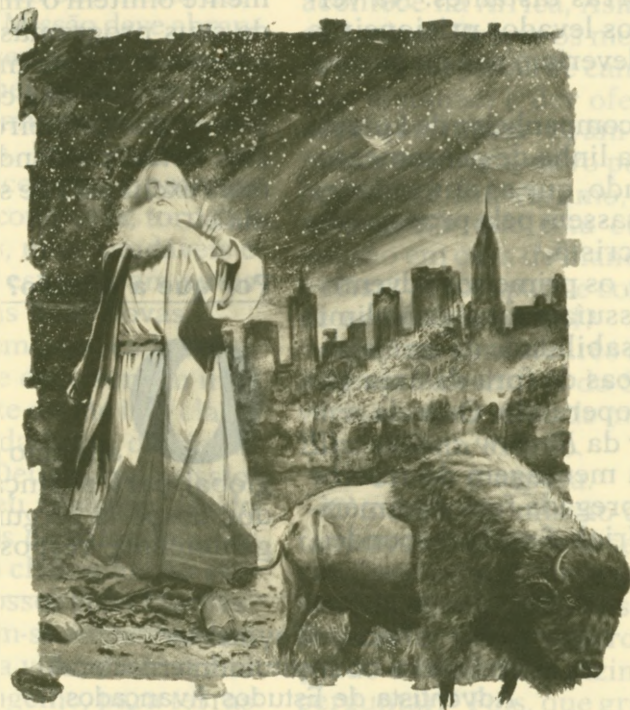
Se desejamos continuar com o nos-

so ponto de vista tradicional da terra de Apocalipse 13:11 como sendo uma região deserta (e conseqüentemente, os Estados Unidos), devemos abandonar nosso antigo argumento que apenas contrasta terra e mar. Contudo, não precisamos abandonar as implicações da profecia. Pois a linguagem figurada de Apocalipse aproxima-se claramente de um bem conhecido mito, há muito tempo considerado como uma metáfora, na opinião religiosa judaica, para expressar sua mensagem profética. Nessa lenda, a segunda besta foi o senhor da região deserta de Duidain. Por conseguinte, em Apocalipse 13:11 o lugar de onde surge a besta é uma região não habitada e agreste. Apenas evocando a imagem do Beemote e do Leviatã, podemos tentar mostrar que, pela palavra terra, em Apocalipse 13:11, João queria dizer algo diferente daquilo que ela significa no restante do livro.

Transferir isto para nosso ponto de vista da profecia, significa que devemos considerar uma nação que surge de uma terra deserta durante o tempo

da supremacia papal européia. Deixo isto para os nossos historiadores.

1. R. A. Anderson, *Unfolding the Revelation* (Mountain View, Califórnia: Pacific Press Publishing Assn., 1974), pág. 138.
2. C. M. Maxwell, *God Cares*, vol. 2, "The Message of Revelation" (Boise, Idaho: Pacific Press Publishing Assn., 1985), pág. 341, itálicos supridos.
3. Ver, por exemplo, R. H. Charles, *The Revelation of John*, International Critical Commentary (Edinburg, Scotland: T. & T. Clark, 1971), pág. 65.
4. Os mais modernos escritores sobre o Apocalipse atribuem seus débitos à literatura apocalíptica. Ver, por exemplo, J. M. Ford, *Revelation* (Nova Iorque: Doubleday and Co., 1975), pág. 27.
5. Ver Anderson, págs. 122 e 123; e L. Morris, *Revelation TNTC* (Londres, Inglaterra: Tyndale Press, 1972), pág. 165.
6. "Out of the Earth" (Apoc. 13:11), *SDA Bible Commentary*, vol. 7, ed. F. D. Nichol (Washington, D. C.: Review and Herald Publishing Assn., 1980), págs. 819 e 820.
7. Ford, pág. 217.
8. J. Sweet, *Revelation* (Filadélfia, Pensilvânia: Westminster Press, 1979), pág. 215.
9. M. H. Pope, *Job*, AB (Nova Iorque: Doubleday and Co., 1975), págs. 321 e 322.
10. J. T. Milik, *The Book of Enoch* (Oxford, Inglaterra: Clarendon Press, 1976), pág. 30.
11. E. Henneche, *New Testament Apocrypha*, vol. 2 (Londres, Inglaterra: SCM Press, 1973), págs. 631-638.
12. Ver A. Y. Collins, *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse* (Filadélfia, Pensilvânia: Westminster Press, 1984), pág. 148f. Collins diz que os símbolos mar e monstro da terra eram símbolos políticos comuns no primeiro século.



Por Que a Missão Global?

O que é a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia? Deve a missão ser de âmbito mundial? Em caso afirmativo, por quê?

Martinho Lutero tinha pouco interesse pela missão mundial. Cria ele que a comissão universal do evangelho havia sido confiada exclusivamente aos apóstolos; os pastores de hoje devem preocupar-se apenas com suas próprias igrejas. Basicamente, o mundo já havia sido evangelizado — com exceção de alguns lugares longínquos, aos quais Deus levaria as boas novas no devido tempo e com seus próprios meios. A igreja da Alemanha não precisava preocupar-se em enviar missionários às terras distantes. Na verdade, os cristãos levados prisioneiros pelos turcos, deveriam ser os missionários.

Melanchton, companheiro de Lutero, seguia a mesma linha de pensamento. Aceitava, contudo, que as autoridades civis se interessassem pela propagação da mensagem cristã.¹

Como Lutero, os primeiros adventistas também possuíam uma visão limitada da responsabilidade da igreja para com as pessoas de fora da área em que ela estava operando. Quando, em 1859, um leitor da *Review and Herald* perguntou se a mensagem do terceiro anjo devia ser pregada fora da América do Norte, Uriah Smith respondeu

que não seria necessário. Uma vez que a população dos Estados Unidos era composta de imigrantes de muitas partes do mundo, Apocalipse 10:11 já se havia cumprido plenamente.² A visão de Smith nos parece acanhada, mas ele já estava muito mais aberto à idéia de missão do que seus predecessores, que haviam defendido a teoria da “porta fechada”, que considerava inútil pregar a alguém que não tivesse passado pela experiência de 1844.³

Fica-se imaginando se as igrejas adventistas da atualidade, que habitualmente omitem o Informativo Mundial de seus programas da Escola Sabatina não estão, de maneira inconsciente, tendo a mesma compreensão de Lutero e dos pioneiros. Seja como for, elas estão perdendo uma das partes mais excitantes de ser uma igreja mundial.

Por que a missão?

O anúncio de uma estratégia global para alcançar os não alcançados, desperta perguntas que exigem urgentemente respostas. As perguntas

Nancy Waymeister
Professora no Instituto Internacional
Adventista de Estudos Avançados,
nas Filipinas

mais importantes, são: O que é a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia? Deve a missão ser mundial? Em caso afirmativo, por quê?

As pessoas entendem a missão da igreja de muitas maneiras. Para alguns, a missão da igreja é “salvar almas”. Para outros, missão significa alimentar bebês famintos. Ou a missão pode ser interpretada como o dever de proporcionar uma vida melhor aos infelizes. Qual é, então, a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia?

A comissão evangélica, apresentada em todos os evangelhos e no livro de Atos, abrange muitas atividades. A mais importante é ir, fazer discípulos, batizar, pregar e testemunhar. João, que parece apresentar sempre as coisas um pouco diferentes da maneira como o fazem os outros escritores evangélicos, relata outra dimensão da ordem de Jesus: “Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio” (João 20:21). Missão é fazer o que Jesus fez e como Jesus fez.

Jesus saiu curando, ensinando e pregando. Mas visitava também os lares das pessoas, comia em sua mesa, dormia em seus barcos. Missão deve abranger proclamação, serviço e amizade. Missão deve preencher as necessidades dos seres humanos: missão integral para todas as pessoas. Essa espécie de missão não só leva consigo a promessa de uma futura recompensa; torna as pessoas mais felizes, mais saudáveis e mais santas do que estas foram antes de ouvir e aceitar as boas novas.

Dentro desta sistemática, cada membro de igreja pode e deve ser um missionário. Ellen White define isto claramente: “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário.”⁴ Ela escreveu também: “Todo filho e filha de Deus é chamado a ser missionário; somos chamados ao serviço de Deus e de nossos semelhantes. ... [Os cristãos] podem-se empenhar nas carreiras comuns da vida, ou ir, como ensinadores do evangelho, para terras pagãs... todos serão, entretanto, seme-

lhantemente chamados a ser missionários de Deus, ministros da misericórdia ao mundo.”⁵

Como vista nestas citações, a missão pode ocorrer em qualquer lugar do globo. Não é preciso atravessar o mar ou mesmo viajar de trem para ser missionário. A única travessia exigida é a passagem da linha que separa a crença da descrença. A validade desta missão para a igreja e seus membros não pode ser contestada, pois, como disse o teólogo suíço Emil Brunner, “a igreja existe para a missão como a chama para arder”. A missão é a igreja; a igreja é a missão.

Por que a missão mundial?

O assunto da estratégia global é a missão mundial, a missão estrangeira, a missão em outras terras, em outras línguas, outras culturas. Deve a igreja de Smalltown, U.S.A., ou Big-city, Austrália, envolver-se no que acontece na África, Ásia ou na América Latina? Devem os membros da igreja ouvir histórias de campos missionários distantes e dar ofertas para pessoas que nunca viram ou das quais nunca ouviram, salvo por meio dessas histórias? Em resumo, por que deve uma igreja que está cumprindo sua missão em casa de maneira cuidadosa e cristã preocupar-se com uma missão de estratégia global?

Vêm-me à mente três razões por que a Igreja Adventista do Sétimo Dia deveria ter uma visão de missão mundial. Elas exigem estudo.

1. Cristo o espera.

O modelo de missão do Antigo Testamento concentrava-se em um povo cujo bem-estar deveria atrair a atenção de todo aquele que o observasse. Israel deveria ter sido próspero e santo, abençoado e feliz. Seus vizinhos deveriam perguntar: “Pois, que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si co-

mo o Senhor nosso Deus, todas as vezes que O invocais?" (Deut. 4:7). Israel devia ser a cabeça e não a cauda. (Deut. 28:13).

Ellen White escreveu: "Era propósito de Deus, porém, que pela revelação de Seu caráter por meio de Israel, os homens fossem atraídos a Ele."⁶ Israel não devia apenas atrair seus vizinhos imediatos para Deus, mas deveria ser "como luz para os gentios" de maneira que a salvação de Deus chegasse "até à extremidade da Terra" (Isa. 49:6). Em outras palavras, Deus Se propunha a efetuar uma missão mundial por meio de Israel.

O Novo Testamento não abandona a idéia da bênção que o povo pertencente a Deus traz, ou da atração que seu estilo de vida exerceria nos observadores. Mas no Novo Testamento a missão já não é, às mais das vezes, centrípeta. Agora há uma ordem para *Ir*. A missão torna-se centrífuga.

Cristo disse claramente a Seus discípulos que "em Seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém" (Luc. 24:47). Os apóstolos foram enviados à "Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (Atos 1:8). Seus seguidores deveriam levar as boas novas de esperança, alegria, paz e amor aonde que que houvesse pessoas. E Mateus 24:14 torna claro que essa instrução incluía mais do que o mundo mediterrâneo conhecido: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim." Jesus disse que a missão global deveria ser um sinal da proximidade de Seu retorno à Terra.

O Apocalipse reitera a universalidade da missão de Cristo e Sua igreja. O evangelho eterno é pregado "aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo" (Apoc. 14:6). Os vinte e quatro anciãos louvam o Cordeiro por ter comprado com o Seu sangue pessoas "de toda tribo, língua, povo e nação" (Apoc. 5:9). E Apo-

calipse diz que, quando todas as coisas passarem, uma grande multidão estará em pé sobre o mar de vidro, louvando o Cordeiro. Descreve essa multidão como vinda "de todas as nações, tribos, povos e línguas" (Apoc. 7:9). A mensagem de salvação terá alcançado os confins da Terra.

Os seguidores de Cristo — aqueles que receberam a incumbência que Ele lhes deixou — não podem limitar a missão ao seu próprio ambiente. Seu comissionamento deve alcançar os confins da Terra. Eles não devem deixar de preencher as expectativas do Mestre.

2. A igreja necessita dela

Quando falamos de missão global, a igreja consta de duas partes: a igreja daqui e a de além, a igreja que envia e a que recebe. Ambas necessitam da missão.

A igreja aqui da pátria — seja qual for a parte do globo em que esteja — não pode permitir-se isolar a si mesma do restante da igreja. Lembro-me da história de um velho homem excêntrico e rico que tinha tanta prata que mandou fazer uma placa do lado de fora de suas janelas. Depois disso, tudo quanto via era ele mesmo. Já não via a luz do sol, as flores ou as crianças brincando embaixo das árvores. Ao invés disso, sentava-se e olhava para si mesmo enquanto envelhecia.

Dar, cuidar, partilhar — são estes os meios ordenados por Deus de amar e servir. Quando a igreja da pátria olha para além de suas próprias necessidades, torna-se mais forte. Às vezes imaginamos que damos porque amamos. O fato é que apenas quando damos aprendemos realmente a amar.

A igreja "daqui" não pode sofrer a perda do amor e do apoio que vem de fora. Numa pequena igreja da América do Sul, ouvi um membro idoso ler com dificuldade o Informativo Mundial a respeito de certo projeto nos Estados Unidos. Quando ela terminou, pôs de lado o trimensário e olhou nos olhos dos vinte ou mais membros. De-

pois apelou: “Demos generosamente. Eles podem viver nos Estados Unidos, mas necessitam de nós e necessitam de nossas ofertas. Eles são nossos irmãos.”

Algumas pessoas têm sugerido que a igreja na América do Norte está sustentando mais ou menos sozinha o programa das missões estrangeiras da igreja. Mas uma olhada mais atenta no *Relatório Estatístico* e no “Momentos do Concílio Anual” para 1988, contesta esta noção. O orçamento da Associação Geral para 1989 destinava em torno de 80 milhões de dólares ao trabalho da igreja nas Divisões fora da América do Norte.⁷ Dessa soma, cerca de 33 milhões (41 por cento) vieram daquelas Divisões, ficando 47 milhões (59 por cento) para o sustento da Divisão da América do Norte. O último algarismo representa apenas 14,5 por cento do total aproximado de 323 milhões em contribuições que a igreja recebeu e usou nas Divisões fora da América do Norte. O restante desse total veio das pessoas que se acham naquelas Divisões.

Alguns têm pensado também que aquilo que a Divisão da América do Norte dá ao resto do mundo é tirado do muito que ela recebe em contribuições. De novo, porém, esta é uma conceituação grandemente falsa. Em 1988 a Divisão Norte-Americana recebeu aproximadamente 619 milhões e 500 mil dólares. Os 47 milhões que foram dela para as outras Divisões mundiais somam menos de 8 por cento do total das contribuições que ela recebeu.

É verdade, contudo, que a igreja que não é daqui — seja qual for a parte do globo onde esteja o “aqui” — necessita do cuidado e atenção da igreja da América do Norte. O *Relatório Estatístico* para 1988 mostra que 87 por cento dos adventistas vivem fora da Divisão Norte-Americana. Ao mesmo tempo, esses 87 por cento dos membros foram capazes de fornecer apenas 30 por cento do total dos dízimos e ofertas dados em 1988. A missão mundial da igre-

ja necessita das ofertas dos demais irmãos afluentes. Em grande parte a igreja dos dois terços do mundo é pobre.

Mas afora isso, a igreja do exterior necessita do coração que acompanha o tesouro. Como você se lembra, Jesus não diz que se deve pôr o tesouro onde o coração está. Ao contrário, o coração acompanhará naturalmente o tesouro onde este tiver sido colocado (Mat. 6:21).

Muitos dos grupos de pessoas, visados pela Estratégia Global, estão quase tão distantes de uma igreja “local” existente quanto o estão da América do Norte ou da Alemanha. As estatísticas para 1987, mostram que na Divisão Norte-Americana, em média cada pastor ordenado ou licenciado devia alcançar uma população não adventista de 91.026 pessoas. Os números paralelos, relacionados com a Divisão da Ásia Meridional mostram cada pastor como sendo responsável por alcançar 2.110.149 pessoas — uma virtual impossibilidade! No território da União Nordeste da Divisão da Ásia Meridional, 333 grupos de pessoas, que constam de mais de um milhão cada, estão ainda por ser penetrados. Em todo o mundo, há outros 1.050 grupos de pessoas em áreas nas quais não há nenhuma organização da Divisão. A igreja local simplesmente não existe ali.

A igreja da pátria deve ajudar a levar a mensagem aonde não existe nenhuma igreja.

3. A ocasião o requer.

Os missiologistas dizem que há em andamento importantes mudanças que afetarão a pregação do evangelho, ao nos aproximarmos do terceiro milênio. Embora os estudos tenham sido feitos por outras igrejas, muito do que elas dizem se aplica também aos adventistas do sétimo dia.⁸

Os missionários, tanto profissionais como voluntários, estão sendo enviados por períodos mais curtos do que antes. Alguns vão por um período estabelecido — em geral não mais de seis

anos. Outros vão até concluir um plano; seu tempo de serviço pode ter a brevidade de apenas duas semanas. Sua contribuição à igreja onde eles servem pode não ser tão grande como a de um missionário de longo período de tempo, mas a igreja do país para a qual eles retornam — abrasada de entusiasmo e repleta de histórias — beneficia-se grandemente de suas experiências missionárias. Os estudantes missionários, os Voluntários Adventistas, os fundadores Maranata — são todos parte desse organismo em desenvolvimento de missionários de curto período.

A tendência da década é de porcentagens ainda maiores de missionários virem de outros países, do que as tradicionais “remessas”. Numa conferência de 1989, sobre a educação dos filhos de missionários protestantes, uma das maiores preocupações foi como proporcionar escolaridade adequada aos filhos das centenas de missionários coreanos da África e América Latina. Hoje em dia, os missionários adventistas vindos das Filipinas podem ser encontrados em hospitais, escolas e escritórios administrativos da África; pastores coreanos servem na América do Sul; e sul-americanos ensinam no seminário da Divisão do Extremo Oriente, nas Filipinas. Na verdade, muitos estrangeiros servem a igreja na América do Norte. Naturalmente, quando a maior proporção da igreja está fora da América do Norte, por que não deveria isto ser assim?

Outros agentes não tradicionais da missão constam de pessoas leigas que escolhem servir fora de seus países de origem. Alguns podem ser profissionais, empregados por firmas internacionais; outros, são professores; alguns, tão-somente vivem o evangelho nas fazendas ou postos missionários de sua propriedade. Estes podem não estar servindo debaixo do guarda-chuva da igreja, mas estão contribuindo para o seu crescimento.

A segunda mudança é vista no apoio às estruturas da missão. O poder finan-

ceiro do mundo está passando das mãos dos “cristãos” na região do Atlântico Norte, para o Japão, Cingapura, Hong Kong e os Estados árabes possuidores de petróleo. Ao mesmo tempo, o centro da população cristã está mudando do hemisfério norte para o hemisfério sul, onde já vivem 70 por cento dos cristãos. Contudo, a administração da igreja continua no mundo ocidental. Os missiologistas preconizam a diminuição de fundos do Atlântico Norte para a missão, e o aumento da pobreza entre os cristãos do hemisfério sul. Eles não estão bem certos daquilo que estas mudanças podem significar para o evangelismo, mas temem que as mudanças possam provocar conflitos dentro da igreja.

Em vista dessas aguardadas mudanças no poder, pessoal e finanças, os missiologistas estão sugerindo a necessidade de “globalização”. Depois de oito anos de estudo, a Associação de Escolas Teológicas dos Estados Unidos, está insistindo em que todos os seminários dêem realce à globalização durante os anos 1990.⁹ Eles confiam em que este realce “liberte as igrejas e escolas teológicas da miopia institucional e do paroquialismo”.¹⁰

O interesse míope em favor de nós mesmos, pode dar lugar ao interesse pelo mundo como um todo. A preocupação em manter a igreja nacional deve ser aumentada, para sustentar a missão global. O lugar especial convenicionado para os pastores deve ceder lugar ao ministério partilhar por todos os crentes — e para que isto aconteça, a igreja deve providenciar o equipamento para os leigos. O diálogo entre o evangelho e as culturas deve intensificar-se, com a igreja encontrando e desenvolvendo os melhores meios de alcançar as pessoas para Cristo. A igreja deve vir a considerar o mundo como uma vila global.

Em face dessas mudanças, a estratégia global é um apelo para que a Igreja Adventista do Sétimo Dia universal deixe de olhar introspectivamente. Cons-

titui ele um apelo para partilhar e cuidar. Ele corresponde mais ou menos ao apelo do General Beckwith, feito aos valdenses em 1848, quando seu zelo missionário começou a diminuir. Disse ele: *Voi sarete missionari o non sarete nulla*. "Vós sereis missionários ou não sereis coisa alguma."

1. Gustav Warneck, *Outline of History of Protestant Missions from the Reformation to the Present Time* (Edinburgh: Oliphant, Anderson and Ferrier, 1906), págs. 8-20.
2. Resposta a A. H. Lewis, 3 de fevereiro de 1859,

- pág. 87.
3. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), págs. 105-115.
4. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 174.
5. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 395.
6. Parábolas de Jesus, pág. 290.
7. O relatório destina 71.343.300 dólares para a missão estrangeira, e estou admitindo um adicional de 8.656.700 dólares para os gastos da Associação Geral para administrar a obra além-mar (do total de 14.000,00 de dólares destinados às despesas administrativas da AG).
8. Sobre as tendências da missão para os anos 1990, ver Robert J. Schreiter, "A Missão no Terceiro Milênio", *Missiology* 18 (janeiro de 1990): 4-12.
9. Ver *ATS Bulletin* 38 (1988): 22 e 23; 101-120.
10. Norman E. Thomas, "A Globalização e o Ensino da Missão", *Missiology* 18 (janeiro de 1990): 14.

COMPENSA, REALMENTE?

O fato solene é que o segundo casamento tem menos chance de sucesso do que o primeiro. Por que deixar tudo o que você tem, por algo que tem boa margem de fragmentar-se?

Após a morte de seu pai, João encontrou casualmente a pasta de documentos. Era uma pasta que seu pai usava sempre. O conteúdo era pouco, mas preocupante: uma série de sermões escritos a mão, um exemplar de *Caminho Para Cristo*, e três cartas de uma mulher com quem ele tivera um caso amoroso.

Por mais descontraído que o conteúdo pudesse parecer, ele representa uma realidade não muito rara. Constitui o desejo de ter tudo — o púlpito e a vida particular; o colarinho cleri-

cal e encontros clandestinos.

Um professor de teologia de uma grande instituição cristã, foi chamado recentemente à presença da administração para confirmar ou negar rumores de um caso de amor extraconjugal com uma jovem senhora da comunidade. Ele confirmou realmente a acusação. O que pretendia ele fazer, não tivesse sido "apanhado": Continuar ensinando, continuar freqüentando a igreja cada semana com a esposa, continuar aconselhando os alunos sobre os méritos de servir a igreja, continuar o romance? Ele havia pensado em não ir

Robyn Warner
Pseudônimo usado pelo autor

mais longe do que isso...

Este artigo se destina àqueles que podem encontrar-se em situação semelhante. Talvez seja um pouco presunçoso achar que "os ministros cristãos", como aqueles que lêem o *Ministério*, sequer levem em consideração semelhante vida dúplice. Há um público para tal assunto? Se você se sentir ofendido no íntimo, vire a página e escolha outro artigo. Se, porém, se sentir tentado a fechar a revista, achando que não há nenhum problema dessa natureza em sua vida, quando você sabe que existe ou poderia existir, continue a ler.

Se você está vivendo uma vida dual (ou pensando nisto), enfrentará, inevitavelmente, uma crise. Você não pode permanecer para sempre entre uma coisa e outra, vivendo em conflito com você mesmo. Há certo número de perdas que você realmente experimenta em uma vida tal. São elas:

1) A perda da estima própria.

Sua estima própria possivelmente já tenha sofrido, pois, não importa como você procure racionalizar um relacionamento extracônjugal, ele simplesmente contraria tudo o que você tem crido, pregado e ensinado.

2. A perda da posição.

Virá o dia. Como o professor de teologia, você pode despertar nalguma manhã para ficar sabendo que o boato está correndo. Ou talvez, como certo ministro da costa oeste, você finalmente decida confessar. De qualquer maneira, não é fácil encontrar-se de repente examinando a seção "Preciso de Ajuda" do jornal, quando tudo o que deveria ter feito, de acordo com a definição do público, de um pastor, era pregar sermões e fazer reuniões de oração.

3. A perda de respeito na comunidade.

O tagarela anda rápido. Uma vez que correu o boato, pessoas das quais você jamais ouviu falar, ficam sabendo do seu segredo. Você experimenta um incômodo sentimento quando sabe que não pode entrar numa igreja, andar no terreno de uma reunião campal, dirigir o seu carro em sua própria estrada

sem sentir os olhares dos outros sobre você, estigmatizando-o como um proscrito e hipócrita.

4. A perda de seus filhos.

A brecha que se abrirá entre você e seus filhos jamais será plenamente reparada. Embora você possa desejar que algum dia seus filhos estejam amadurecidos o suficiente para entender, haverá sempre um ressentimento em seu coração toda vez que a palavra "pai" for mencionada. Semelhantemente, você se afligirá por causa do relacionamento que foi impedido de amadurecer ou que foi destruído ainda no começo. As férias serão forçadas; limitadas as visitas. Sua função paterna será mudada dia a dia, passando dos joelhos cavalgados a um relacionamento semanal de longa distância, feito por telefone, e breves visitas ocasionais.

5. Perda da segurança financeira.

A perda financeira pode não parecer tão ameaçadora de início, mas é uma realidade clara para aqueles que experimentam as angústias de um divórcio.

Um conselheiro que teve de viajar do Canadá para Washington, na tentativa de ajudar a irmã que estava com problemas conjugais, disse-me recentemente: "Eles estiveram considerando seriamente o divórcio antes que eu lhes informasse o custo de cada coisa. Isto os levou a recuperar-se."

Considerando os gastos com os procedimentos legais, pensão alimentícia e sustento de filho, o divórcio não é uma solução fácil para os problemas conjugais. O divórcio pode ser financeiramente devastador.



6. A perda do cônjuge.

É muito provável que seu relacionamento agora com sua esposa esteja longe de ser perfeito. Mas uma vez que você enfrenta a perda irreparável de alguém com quem passou grande parte de sua vida, as lembranças continuam perseguindo-o. Diz o autor *Pat Conroy*, referindo-se ao seu próprio divórcio: "Foi esmagador olhar para a mãe de meus filhos e saber que não mais estaríamos juntos pelo resto da vida. Foi terrível dizer adeus, renunciar a uma parte de minha própria história."¹

E depois das perdas — estima própria, posição, respeito, os filhos, a estabilidade financeira, sua esposa — o que você acha que ganhará? O amor de outra mulher? Felicidade? Espera viver em uma vila retirada da montanha em algum lugar, onde ninguém o conhece, e você pode amoldar as painéis numa roda de oleiro e viver numa rústica cabana feita de tronco de árvore, num relacionamento idílico?

Por mais bela que pareça sua amizade com outra mulher agora, ela representa apenas uma simplicidade que nada tem que ver com a realidade. Diz *Anne Morrow Lindberg*, em *Gift From the Sea*:

"A primeira parte de todo relacionamento é pura, seja ela com amigo ou namorado, marido ou filho. Ela é pura, simples e livre. É como a visão do artista antes que este lhe dê forma, ou como a flor do amor antes que se torne amadurecida para o firme, mas pesado fruto da responsabilidade. Todo relacionamento parece simples no começo....

"E depois, quão rápida, quão inevitavelmente a perfeita unidade é invadida; o relacionamento muda; torna-se complicado, obstruído por seus contatos com o mundo..."²

A verdade é que o segundo casamento tem menos chance de sucesso do que o primeiro. Por que abandonar tudo o que você tem por algo que tem boa margem de fracassar?

Paulo se sentiu grandemente atraído por uma mulher com quem se encontrou na casa do seu irmão durante as férias. Surgiu uma amizade, e ele começou a apresentar desculpas para deixar a casa em viagens de um ou dois dias. Um vizinho que conhecia a mulher com quem Paulo estava gastando tanto tempo deixou casualmente vaziar a notícia para sua esposa, Peggy.

Peggy ficou chocada, mas estava disposta a fazer algo para evitar a separação. Paulo, contudo, se recusou a terminar a amizade com a outra mulher. Sua esposa ajuntou os três filhos, viajou quase cinco mil quilômetros, indo reinstalar-se na costa leste.

Um ano depois, Paulo entrou num avião. Quando chegou ao destino, implorou à mulher, com quem havia passado vinte anos de sua vida, que lhe desse outra oportunidade. Nessa ocasião Peggy estava firmemente estabelecida em um novo trabalho e alugava uma casa num distrito da escola que oferecia ensino escolar qualificado a seus filhos. Ela temia deixar sua nova vida por um homem que prometia: "Se você voltar comigo, deixarei a outra mulher amanhã." Ela simplesmente não podia aceitar a chance de levar a dor da rejeição novamente. Da segunda vez poderia não lhe ser tão fácil encontrar outro trabalho e casa. Dessa vez foi Peggy quem recusou. Paulo viajou de volta para a costa oeste, sentindo o peso de sua escolha anterior como um cobertor de lã encharcado que ameaçava sufocá-lo.

Não é agradável pensar sobre as perdas nem enfrentá-las. Mas há uma perda maior a considerar. É uma perda que todo pastor pode dizer de cor: "Pois, que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"

Compensa, realmente?

-
1. Pat Conroy, "Death of a Marriage", *Reader's Digest*, outubro de 1988.
 2. Anne Morrow Lindberg, *Gift From the Sea*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1975, págs. 64 e 65.

O Ministro Como Ganhador de Almas

A responsabilidade do ministro
como ganhador de almas abrange tanto os
filiados como os não filiados à igreja.

Algum tempo atrás, Jim veio visitar-me no meu escritório. Ele havia concluído o curso no colégio e fora chamado para o ministério pastoral pela Associação onde eu estava trabalhando. Ele foi considerado um jovem promissor, que estava muito confiante quanto a seu chamado para o ministério.

Mas, quando o visitamos, ele revelou o fato de que tinha dúvidas quanto ao seu chamado. Estava confuso e desapontado, receoso de que houvesse gasto o seu tempo no colégio, preparando-se para algo que encerrava pouco futuro para ele. Quando procuramos saber a razão para a sua frustração, ele explicou que o que realmente estava acontecendo em sua experiência pastoral não coincidia com o seu conceito de ministério.

Durante os meses seguintes fiz visitas com Jim, para apoiá-lo e o animar, enquanto ele se achava nesse período de indecisão. Ele experimentou outras áreas do ministério e gastou algum tempo fazendo tentativas com elas, mas estava achando difícil tomar uma decisão. Andava às cegas, em busca de um segredo para o cumprimento de seu ministério, um segredo que não conseguia encontrar.

Então o pastor mais antigo da igreja em que Jim estava trabalhando acei-

tiu um chamado, e Jim foi colocado na posição de pastor interino. Durante as poucas semanas seguintes, nos correspondemos algumas vezes, verificando cuidadosamente o que ele estava fazendo e o que poderia estar fazendo. Ele parecia estar ministrando com acerto, e os dirigentes leigos da congregação estavam felizes com a sua colaboração.

No dia em que Jim entrou em meu escritório, notei que a cintilação havia voltado a seus olhos. Minha saudação — “Olá, como vai o novo pastor da igreja de Lakewood?” — desencadeou uma série de histórias interessantes que ele contava com entusiasmo. Na verdade, jamais o vira tão animado. Depois, ele abaixou a voz e ficou mais sério. “Descobri o que me traz verdadeira satisfação. É testemunhar da mudança que pode ter lugar na vida de uma pessoa. Descobri tudo acerca do que é o ministério e agora sei o que quero — desejo trabalhar com Deus na transformação de vidas.” Jim explicou então que um dos seus interessados no estudo da Bíblia havia aceito a Cristo e decidira ser batizado.

Nada reanima tanto os ministros como quando as pessoas com as quais eles estiveram estudando a Bíblia decidem ser cristãs. Coisa alguma eletriza tanto as congregações como o verem elas as pessoas se tornarem semelhan-

Clarence Gruesbeck
Pastor da Igreja de Green Lake, Associação de
Washington

tes a Cristo e se unirem à família de Deus.

Três elementos essenciais ao ministério cristão

Segunda aos Coríntios 5:18, primeira parte — uma das maiores declarações das Escrituras — apresenta-nos as três características essenciais do ministério cristão: reconciliação, dedicação e compulsão.

Como podem as pessoas livrar-se da escravidão de uma consciência angustiada, do temor da morte sem esperança, ou do medo do acusador dedo de Deus? Elas ignorarão a escravidão estonteando-se no torvelinho dos prazeres? Rebelar-se-ão contra Deus ou declararão que Ele está morto? Essas escapatórias são fúteis. Os que os procuram ainda experimentam as dores da solidão, do isolamento. A ausência de Deus é a doença da nossa época. Fomos criados com a necessidade do companheirismo com Deus.

Em nosso texto, Paulo representa a Deus como a causa primeira — Deus dá o passo inicial para corrigir a concepção errônea com respeito a Ele próprio e para revelar o Seu profundo amor ao pecador. A reconciliação que Cristo efetuou, surgiu de um amor que se sacrificou: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu...” (João 3:16). Cristo deixou tudo o que possuía — Seu domínio e honra, a beleza e o conforto do Céu — e depois Se sacrificou. Longe de ser a vítima de homens maus, Ele foi o Mestre do evento da crucifixão e, dessa maneira foi o vencedor. Conta João que Ele disse a Seus discípulos: “Dou a Minha vida para a reassumir” (João 10:17).

A mensagem entregue àqueles que ministram, é totalmente fantástica: “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.” O

grande reformador, Martinho Lutero, orava: “Tu, Senhor Jesus Cristo, és minha justiça. Eu sou Teu pecado. ... O que não eras, Te tornas-Te, para que eu pudesse tornar-me o que não era.”

A reconciliação que Cristo efetua, leva ao segundo elemento do ministério que Paulo anunciou nestes versos — o da entrega. A todo indivíduo que aceitou a Cristo como Salvador e Senhor, foi dada a palavra da reconciliação.

Não somos os agentes da reconciliação. Apenas Jesus Cristo, o Criador do Universo, poderia tornar-Se nosso substituto ao receber as conseqüências da nossa rebelião. Desse modo, só Ele pode servir como agente da reconciliação. Ele nos comissionou a representar o Seu reino. Somos Seus embaixadores. Os embaixadores representam seu país, seu governante. Eles falam apenas como o fariam seu governador, e dizem apenas o que ele diria. Sua função é conceituar a filosofia e os objetivos do governo.

Este ministério da verdade é essencialmente um ministério experimental, o que equivale dizer que o embaixador não pode explicar aquilo que ele mesmo nunca experimentou. Falando sobre nosso texto, Halford Luccock diz: “Aquele que jamais conheceu em sua própria vida a reconciliação com Deus é um embaixador atamancado e incompetente.”¹

A vida dos embaixadores deve subscrever seu ministério. Se não o fizer, seu ministério perderá seu poder.

O terceiro elemento do ministério que Paulo menciona é o da compulsão. Paulo foi o modelo do pastor que conquista almas. Nosso texto revela seu interesse por seus leitores — nele Paulo interrompe sua explanação sobre a reconciliação para apelar a seus leitores: “Rogamos que vos reconcilieis com Deus” (II Cor. 5:20; notai também o capítulo 6:1 e 2).

Após o encontro de Paulo com Cristo no caminho de Damasco, ele jamais esqueceu a confiança que Cristo depositou nele. Ciente das distâncias que

Cristo percorreria para salvar uma pessoa, Paulo estava convencido de que não tinha nenhum direito de guardar o evangelho para si mesmo. Também ele sacrificaria o conforto e mesmo a segurança e necessidades para conquistar as pessoas para Cristo.

Na verdade, possuía-o uma paixão pelos perdidos: "Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois *sobre mim pesa essa obrigação*, porque ai de mim se não pregar o evangelho!" (I Cor. 9:16, realce suprido). Ele almejava que outros experimentassem o companheirismo que considerava tão necessário.

Essa paixão pelas almas tem atormentado muitas pessoas. João Knox exclamou: "Dá-me a Escócia, ou morreréi", e Wesley declarou: "O mundo é minha paróquia". Emil Brunner acrescentou: "A igreja existe para a missão, como a chama existe para arder."

É tão fácil os cristão caírem no particularismo, que o judaísmo se caracterizou no tempo de Cristo. Temos a tendência de falar a nós mesmos, enquanto continuamos esquecidos do mundo necessitado. Pensamos no reino de Deus como sendo composto de pessoas como nós mesmos. Deus, porém, está aguardando pastores que se consumam no desejo de salvar as pessoas.

Desempenhando nosso mandato

Como os ministros que experimentaram a reconciliação, que estão desejosos de servir como embaixadores de Deus e que, na verdade, se sentem compelidos a levar a mensagem de Cristo às pessoas, desempenharão o seu mandato?

Paulo cria que os pastores que ganham almas devem familiarizar-se com as pessoas a quem pretendem testemunhar. Como podem eles falar às necessidades das pessoas se não estão cien-

tes dessas necessidades?

Especialista em relações humanas, Jesus misturava-se com as pessoas, a fim de que pudesse entendê-las. Precisamos saber a respeito da base cultural das pessoas, de seus interesses, seus alvos na vida, da maneira como pensam, de seus avanços educacionais.

Devemos fazer-lhes perguntas e ouvi-las quando falam.

Antes que Paulo tentasse fazer apelo aos atenienses, percorreu sua cidade e observou-lhes os interesses culturais e religiosos. E de sua metodologia, escreveu ele à igreja de Corinto: "Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível" (I Cor. 9:19). Sua visão de cada pessoa como um cristão em potencial, levou-o a considerar necessário qualquer sacrifício pessoal, a fim de adaptar-se a seus costumes ou cultura para alcançar seu objetivo.

Paulo também se identificou de tal maneira com as pessoas que estas não o viam como uma pessoa que se considerava melhor do que elas. Uma das minhas histórias preferidas, ilustra a importância deste assunto. O Dr. Henry Glay Trumbull, devotado obreiro pessoal, vivia em Hartford, Connecticut. Após tomar o trem, certa manhã, ele se sentou ao lado de um cavalheiro e começou a ler um jornal.

Alguns minutos depois, o jovem tirou de sua maleta uma garrafa de uísque e um copo de metal. Antes de tomar um gole, ele ofereceu da bebida ao Dr. Trumbull.

Trumbull agradeceu gentilmente mas recusou, e voltou a ler o jornal. Nesse meio tempo, ele ficou pensando como poderia manter contato com o moço, falando-lhe do evangelho. Ele não parecia prometer muito.

Logo o moço retornou à sua garrafa. Mais uma vez, ofereceu um gole a Trumbull, antes de tomar o seu. Quando Trumbull agradeceu de novo, sem aceitar, o jovem lhe perguntou: "O senhor não bebe?"

Diante da afirmação de Trumbull de

que não bebia, o moço disse: “Acho que o senhor pensa que sou um indivíduo um tanto incômodo.” Estava ali o ponto crítico da experiência. Como aquele homem de Deus responderia? Ele sorriu e disse: “Não, meu amigo, não penso assim. Acho que você é uma pessoa muito generosa.”

Antes de ler esta história, estou certo de que eu teria respondido à pergunta do jovem com algo mais ou menos assim: “Não, obrigado, não bebo” — o que a outra parte teria interpretado como uma indicação de que sou melhor do que ela. A resposta de Trumbull, vinda na forma de um elogio, agradou o seu companheiro de viagem. Antes que o Dr. Trumbull deixasse o trem, havia apelado àquele cavalheiro para que aceitasse a Cristo como seu Salvador pessoal e o moço fez isso.²

Como pastores ganhadores de almas, precisamos ser sensíveis até mesmo para com as pessoas antipáticas de nossa comunidade. Oh! tenhamos a mente de Jesus! Como disse Phillips Brooks, “se pudéssemos ver quão preciosa é a alma humana, como Cristo a viu, nosso ministério se aproximaria da eficácia do ministério de Cristo”.³

Os pastores que conquistam almas avaliam cuidadosamente o interesse das pessoas. É importante que os pastores estudem os indícios que revelam o interesse das pessoas pelas coisas espirituais. Mesmo assim, desistimos mais depressa do que deveríamos. Uma pesquisa interessante, dirigida pela National Dry Goods Association revelou que 40 por cento das pessoas que trabalham com vendas telefonam uma vez e desistem. Outras 25 por cento desistem depois da segunda ligação, e 88 por cento dessas pessoas não fazem mais do que três ligações telefônicas. Mas os 12 por cento que desejam continuar telefonando, após a terceira rejeição, constituem 80 por cento das vendas.

Na parábola da ovelha perdida, Jesus ilustrou a necessidade da persistência. O pastor buscou a ovelha perdida até

encontrá-la. A busca pode ter ido noite adentro. Pode ter significado vários rasgões em suas vestes. Mas é claro que ele não desistiu da busca enquanto não encontrou a ovelha perdida.

Nosso campo missionário nos desafia

George Gallup Júnior fez uma pesquisa entre americanos que não pertencem a nenhuma igreja, dos quais havia, diz ele, 61 milhões. Quando interrogados se se uniriam a uma igreja, caso alguém lhes pedisse, 50 por cento delas responderam que sim, caso as condições fossem justas. Gallup mostra que essas pessoas sem igreja não são diferentes dos seus parceiros cristãos. Uma grande porcentagem deles disse que acreditava na inspiração da Bíblia. Mais de 70 por cento disseram que gostariam que seus filhos recebessem educação religiosa.⁴ Há dezenas de milhares de pessoas receptivas ao ministério da reconciliação — *que campo missionário para a década de 1990!*

Há, também, outro campo missionário. Os pastores que têm visão ganhadora de almas também entendem que cada membro de sua congregação necessita do ministério da graça e do poder salvador. Para a maioria dos cristãos, conquistar almas significa encontrar pessoas sem filiação religiosa e levar-lhes o evangelho de Jesus Cristo de tal maneira que elas descubram que a maneira de vida de Cristo é a que elas desejam. Infelizmente, muitas vezes este conceito só é usado para julgar os pastores quando estes são bem ou mal-sucedidos.

Pela minha definição da conquista de almas, gostaria de manter este conceito grandemente vital de ganhar os não filiados a qualquer igreja, e a ele acrescentar o contínuo ministério da reconciliação a todos os que estão na comu-

nidade cristã. Tanto os membros da igreja como seus filhos que ainda não se tornaram membros necessitam do ministério, para crescerem na graça e no conhecimento. Tornar-se cristão não é uma experiência “uma vez por todas”. E. Stanley fez, certa ocasião, esta significativa declaração: “Nossas igrejas estão cheias de pessoas que sabem ‘acerca de Deus’, mas não O conhecem; estão informadas a respeito de Cristo, mas não estão transformadas por Ele; que sabem acerca das leis morais, mas não têm poder para cumpri-las.”⁵



A vida cristã é uma experiência progressiva, uma sucessão de renovações por toda a vida. Sem dúvida é esta a razão por que Paulo apelou aos queridos membros da igreja de Corinto para que se reconciassem com Deus. Para ele, o companheirismo com Cristo deve renovar-se diariamente. O grande médico, Sir William Osler, confessou: “À noite, quando ponho de lado as minhas roupas, dispo também a minha alma e ponho de lado os meus pecados. Na presença de Deus, deito-me para repousar e despertar como um homem livre com uma vida nova.”

Quando olhamos para as responsabilidades do ministro como um ganhador de almas, a tarefa de ministrar pode afigurar-se impossível. Como poderemos realizar tudo o que há para ser realizado? Tenho sentido a tensão. Quando pastor na cidade de Los Angeles, muitas vezes orei: “Senhor, toda esta cidade necessita grandemente do Teu Espírito. Que posso fazer para tornar isto uma realidade?”

Nessas alturas, faz-nos bem lembrar novamente o valor que Jesus atribuía

a uma única pessoa, e por que via Ele esse valor. Quando Ele falava a alguém, Sua primeira preocupação era a salvação daquele indivíduo. Mas Ele pensava também no futuro. Ele sabia que uma pessoa poderia ganhar uma centena.

Certa ocasião Ele concentrou Sua atenção em uma mulher proscrita de uma vila samaritana. Quando os discípulos trouxeram alimento para que Jesus comesse, eles a ignoraram. Eles, porém, não poderiam ignorá-la por muito tempo, pois logo ela voltaria trazendo quase toda a vila. Jesus declarou a Seus discípulos: “Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa”.

Tenho testificado, também, como a salvação se multiplica. Um humilde e inculto construtor de navios ganhou mais de 50 pessoas em cinco anos. Depois de sua conversão, um animado proprietário de restaurante que era infiel à esposa e que espancava os filhos quando bebia, tornou-se um excelente cristão. Como resultado, tive a oportunidade de estudar com três famílias que estavam maravilhadas com a transformação que havia ocorrido naquelas famílias.

Ellen White tratou bem desse assunto, quando escreveu: “Pela conversão de uma única alma, devemos taxar ao máximo os nossos recursos. Uma alma ganha para Cristo refletirá toda a luz do Céu que lhe fica ao redor, penetrando as trevas morais e salvando outras almas.”⁶

Cristo não coloca o fardo do mundo sobre nós. Pede apenas que trabalhe-mos onde estamos.

Podemos não possuir o dom do evangelismo. Podemos não ser grandes teólogos ou mesmo grandes pregadores. Mas os pastores que conquistam almas têm o sonho. Vêm cada pessoa que encontram como um cristão em potencial. Amam as pessoas, muitas vezes delas cuidando da mesma maneira que cuidam de si mesmos e de seus familiares.

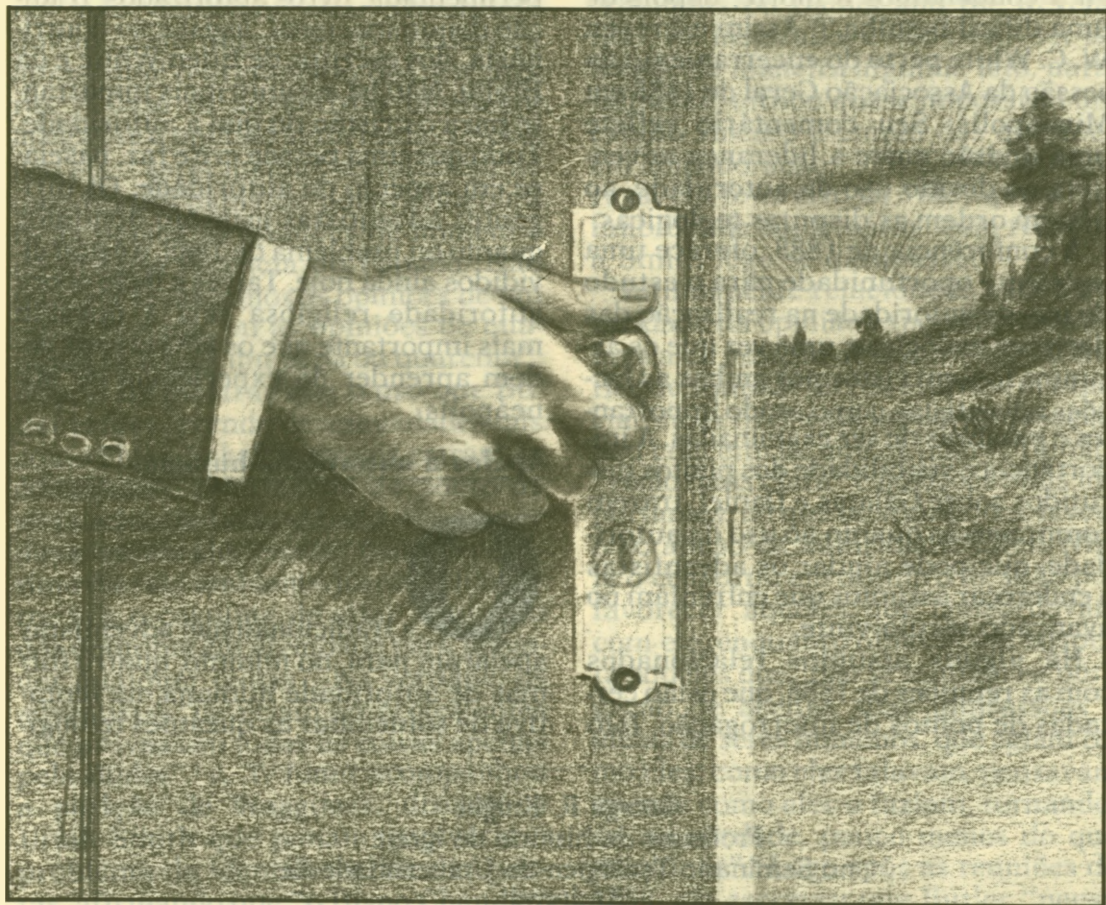
Um dos pastores que mais ganham almas e a quem admiro é Sam Shoemaker, que foi pastor em New York City durante os anos 1940 e 1950. Partes do seu poema "I Stand At the Door" (Fico Parado na Porta) relembra o que eu disse:

"Permaneço junto à porta.
Nem muito dentro, nem muito fora,
A porta é a mais importante do mundo —
É a porta pela qual passam os homens quando encontram a Deus.
Não adianta eu entrar e ficar ali,
Quando tantos estão do lado de fora e, como eu,
Anelam saber onde está a porta.
E tudo o que muitos encontram sempre
É apenas a parede onde devia ha-

ver uma porta.

Eles apalpm ao longo da parede como cegos,
Com mãos estendidas e tateantes,
Ansiosas por uma porta, sabendo que deve existir uma,
Embora jamais a tenham encontrado...
Assim, permaneço junto à porta."

1. Halford E. Luccock, *More Preaching Values in the Epistles of Paul* (Nova Iorque: Harper & Brothers Pub., 1961), pág. 73.
2. Charles Trumbull, *Men Alive* (Nova Iorque: Association Press, 1912), págs. 80-83.
3. Phillips Brooks, *Lectures on Preaching* (Nova Iorque: The Seabury Press, 1964), pág. 257.
4. George Gallup Júnior, *The Unchurched American* (Princeton, N. J.: The Princeton Religion Research Center and The Gallup Organization, Inc., 1978), págs. 7-10.
5. Earl Stanley Jones, *Conversion* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1959), pág. 180.
6. Ellen G. White, *Testimonies to the Church* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1949), vol. 6, pág. 22.



Crise de Autoridade

É da natureza humana buscar apoio de qualquer autoridade que concorde conosco. Mas quando os líderes da igreja usaram esse método, Ellen White lhes indicou a única Autoridade verdadeira.

“**H**á quase uma mania em favor da ortodoxia. Introduziu-se uma resolução na reunião do colégio, no sentido de que nenhuma nova doutrina seja ensinada aqui enquanto não for adotada pela Associação Geral. Mãe e eu a condenamos à morte, depois de uma difícil batalha.”¹ Assim escreveu W. C. White perto do encerramento da sessão da Associação Geral de 1888 em Mineápolis. Seu comentário reflete uma divisão entre a liderança adventista no devido uso da autoridade, ao pôr em ordem as disputas teológicas.

A conferência de 1888, oferece uma excelente oportunidade para o estudo do uso da autoridade na realização das decisões teológicas, uma vez que os assuntos fossem vistos por ambas as facções adventistas como sendo importantes e passíveis de ser examinadas. A importância e visibilidade dos pontos discutidos sobre Gálatas e Daniel, trazem compreensão quanto ao uso da autoridade, que pode ajudar os adventistas a endereçar assuntos que enfrentam no avançado século vinte.

Há alguns assuntos relacionados com as reuniões de 1888, que estão cercadas de pontos de interrogação. Isto

não é verdade quanto à maneira em que cada um dos lados procurou defender a “verdade” de sua posição. Os documentos que sobreviveram, revelam que as várias facções procuravam conquistar sua posição por meio do uso da autoridade administrativa, opinião experimentada, livros autorizados, tradição denominacional, legislação doutrinária, dos escritos de Ellen White e da Bíblia. Não há assunto mais importante para o cristão do que a autoridade. Tudo que uma pessoa crê e faz, baseia-se em aspecto da autoridade. Os dirigentes adventistas estavam divididos quanto ao problema de 1888, e estão divididos ainda hoje. Talvez a lição sobre autoridade religiosa seja a questão mais importante que os adventistas podem aprender da experiência de Mineápolis.

Apelos à autoridade humana

Os tradicionalistas adventistas apelaram para, no mínimo, quatro formas de autoridade humana, na tentativa de solucionar as questões teológi-

George R. Knight
Professor de história da igreja
no Seminário Teológico da Universidade de
Andrews

cas que inquietavam a denominação em 1888. Tanto Uriah Smith como George I. Butler fizeram apelos à opinião de peritos e à autoridade de autores adventistas conceituados. Enquanto a maioria dos ministros pode ter concordado com eles, seus apelos foram combatidos por um coro de objeções do elemento de reforma do adventismo.

E. J. Waggoner foi tão claro sobre o assunto como ninguém. Ao refutar o uso feito por Butler da opinião de peritos para resolver o assunto de Gálatas, Waggoner enfrentou o homem mais idoso em seu ponto mais vulnerável. “Não me importo nem um pouco com o que o homem diz”, argumentou Waggoner. “O que me interessa é o que Deus diz. Não dizemos que a palavra de homens deve ser ensinada, mas a Palavra de Deus. Estou verdadeiramente convencido de que os senhores não deveriam citar Greenfield quando, em lugar disso, poderiam apresentar o argumento das Escrituras.”² Caso os adventistas devessem apegar-se a opinião autorizada, asseverou ele, “seria melhor se voltarem de uma vez aos papistas; pois submeter a fé da pessoa às opiniões de homem é da própria essência do Papado. Não importa se aderimos às opiniões de um único homem, ou às opiniões de quarenta; se temos um papa ou quarenta”. Depois de mostrar que o uso que Butler estava fazendo de autoridades tais como Philip Schaff levaria a estranhas conclusões, se utilizado do ponto de vista adventista do sábado, Waggoner disse em voz alta esperar que “neste último dia não tenhamos introduzido entre nós o costume de citar a opinião dos doutores em divindade para defender qualquer teoria”. Na verdade, os adventistas “deveriam ser protestantes que provassem todas as coisas apenas pela Bíblia”.³ A. T. Jones acompanhou a posição de Waggoner, dizendo a Uriah Smith que jamais resolveria o problema da identidade das dez pontas, afirmando que “o Bispo Chandler

assim disse”.⁴

Os adventistas não só foram tentados a usar como autoridades os autores cristãos de renome, mas seus próprios autores bem fundamentados, como Smith. W. C. White ressaltou que alguns ministros adventistas davam “igual importância tanto às citações das Escrituras, como aos comentários feitos pelo Pastor Smith”.⁵ Em grande parte, aconteceu isto por causa da recomendação de Ellen White ao livro *Daniel e Apocalipse*, de autoria desse escritor. Quando o livro estava sendo revisado para publicação em 1887, W. C. White recordou: “Eles transcreveram o que havia sido escrito por ela endossando a obra do Pastor Smith, e (o) ensino de que ele teve o auxílio dos anjos celestiais em seu trabalho; e essas coisas se avolumaram, até que o presidente da Associação Geral tomou parcialmente a posição de que ‘Thoughts on Daniel and the Revelation’ foi inspirado, e não devia ser alterado de maneira alguma. Isto, naturalmente, tornou quase impossível um estudo sincero e amplo das questões em consideração.”⁶ W. C. White esperava, em fevereiro de 1889, que a “infallibilidade doutrinária” com respeito a Smith logo se dissipasse.⁷

Intimamente relacionada com a autoridade da opinião experimentada estava a da *posição de autoridade*. O Butler de vontade férrea estava, em especial, suscetível a apelar para a posição. Seu conceito de que os líderes tinham “visão mais clara” e posições mais importantes, do que os seguidores, levou-o ao abuso da autoridade. Ellen White o censurou em outubro de 1888 por favorecer aqueles que concordavam com ele, enquanto olhava com suspeita aqueles que “não se sentiam na obrigação de aceitar suas impressões e idéias de seres humanos, que agiam como eles, como eles falavam, pensavam apenas como eles o faziam, tornando-se, na verdade, pouco menos do que máquinas”.⁸ Logo após as reuniões de 1888, ela escreveu que Butler “pensa

que sua posição lhe dá tal poder que sua voz é infalível".⁹

A maneira de agir de Butler ao encorajar os adventistas a "quererem um homem que pensasse por eles e lhes servisse de consciência", havia criado demasiadas pessoas fracas que eram "incapazes de permanecer fielmente de pé em seu posto do dever".¹⁰ Ellen White disse que "nunca ficou mais alarmada" do que na sessão da Associação Geral de 1888, onde os pastores achavam que não podiam sequer estudar a questão de Gálatas na Bíblia "porque não há um homem aqui".¹¹ Pelo fato de terem colocado Butler no lugar de Deus, as pessoas haviam arruinado tanto a sua própria experiência cristã como a dele.¹²

Diminuindo a importância tanto da autoridade administrativa como da perícia humana em assuntos doutrinários, Ellen White ressaltou em dezembro de 1888 que "não deveríamos achar que o Pastor Butler ou o Pastor Smith são os guardiães das doutrinas para os adventistas, e que ninguém pode ousar expressar uma idéia que difira das suas. Meu clamor tem sido: examinem as Escrituras por vocês mesmos. ... Homem algum deve servir de autoridade para vocês".¹³

Um terceiro uso não válido da autoridade em Mineápolis, foi verificado naqueles que desejavam confiar na *tradição adventista* para defender o seu ponto de vista. Tanto Smith como Butler argumentavam repetidamente que uma vez que as posições adventistas sobre Gálatas e Daniel haviam permanecido como verdade durante 40 anos, elas não deviam ser alteradas. Smith foi ainda mais longe ao declarar que, se a tradição estivesse errada, ele seria forçado a renunciar ao adventismo.¹⁴

E. J. Waggoner e A. T. Jones, naturalmente rejeitaram o apelo à tradição. J. H. Waggoner apoiou seu filho. "Durante muito tempo tenho crido", escreveu ele, "ser um grave erro que estava crescendo entre nós, um indivíduo, ou mesmo uma casa publicadora, publi-

car seus pontos de vista e manter a restrição da denominação para esse ponto de vista, porque ele tinha a possibilidade de ser publicado por eles. ... As explanações das Escrituras não podem repousar sobre" a autoridade da tradição. "Elas só podem ser determinadas pela calma investigação e o raciocínio imparcial; e depois, todos devem ter igual direito de expressar suas opiniões."¹⁵

Ellen White, como de costume, estava do lado dos reformadores. "Como um povo", advertiu ela, "estamos certamente em grande perigo, caso não estejamos constantemente precavidos, de considerar nossas idéias, porque há muito acariciadas, como sendo doutrinas bíblicas e, em todos os sentidos infalíveis, e medir a cada um pela norma de nossa interpretação da verdade bíblica. Este é o perigo que corremos, e este seria o maior mal que poderia vir-nos como um povo."¹⁶

Um apelo final à autoridade humana, feito pelo grupo Smith-Butler, tornou-se visível na campanha que eles fizeram em favor de *declaração em forma de credo* que, votada, tornaria concreta a teologia anterior a 1888. Na sessão da Associação Geral de 1886, Butler esperava que sua Comissão Teológica composta de nove homens pusesse o fundamento para a instituição por voto, da verdade sobre a lei em Gálatas e os dez reinos de Daniel 7. Suas esperanças se desvaneceram, contudo, quando a comissão se dividiu em cinco a quatro. Político astuto, ele não levou o assunto para o pavimento da sessão propriamente dito, uma vez que ali haveria "um grande debate público sobre ele".¹⁷ Optando por um compromisso, ele obteve a aprovação de uma resolução de que "os pontos de vista doutrinários não defendidos por uma expressiva maioria de nosso povo" não deveriam fazer parte do ensino nas escolas adventistas, ou publicados em periódicos denominacionais, enquanto não fossem "examinados e aprovados pelos irmãos de experiência da lideran-

ça".¹⁸ Uma vez que Butler e Smith eram, obviamente, "os irmãos de experiência da liderança", essa resolução lhes dava virtual poder de veto, mas eles não conseguiram formalmente a votação desejada.

O empenho em favor de uma declaração "credal" continuaria até o fim de 1888. Em maio de 1887, Leon Smith (que sempre seguiu de perto o exemplo de seu pai Uriah) escreveu um editorial sobre "O Valor de Um 'Credo'", para a *Review*. Para Leon, um credo com um resumo das crenças era uma das verdades mais claramente ensinadas na Bíblia. "Tomemos o 'credo' que a Palavra inspirada nos oferece", concluiu ele, firmemo-nos inteiramente em seus ensinamentos e a ele nos apeguemos sem levar em consideração o discurso adverso daqueles que aspiram a ser ensinadores de um novo evangelho."¹⁹ Obviamente, a última sentença de Leon destinava-se a Waggoner e Jones. Seu credo, bem como o de seu pai e Butler, conteria, indubitavelmente, declarações sobre a lei em Gálatas e as dez pontas de Daniel 7, uma vez que, na mente deles, esses eram os ensinamentos centrais das Escrituras. Um dos problemas com os credos é que eles têm a tendência de colocar firmemente assuntos marginais de interesse atual, aproximados dos ensinamentos centrais da Bíblia, como pilares da fé. Uma vez colocados em um credo, esses novos pilares se tornam quase impossíveis de ser derrubados no futuro, pois qualquer mudança é interpretada como demolidora da fé dos pais. Essa espécie de perpetuidade, naturalmente, era precisamente o que os tradicionalistas esperavam conseguir em Mineápolis.

As reuniões de Mineápolis viram tentativas de resoluções semelhantes a credo tanto nas dez pontas como na lei em Gálatas. Em 17 de outubro, por exemplo, G. B. Starr fez apelo em favor de um voto sobre os dez reinos. "Gostaria", disse ele, 'de pôr um ponto final nesta questão, de maneira que

ela não voltasse a ser discutida.'" O auditório respondeu com "gritos de 'amém',²⁰ 'amém'". Essas tentativas, contudo, foram resistidas por Waggoner e os Whites. A Sra. White escreveu no último dia de reuniões que ela e "Willie... tiveram que vigiar sobre cada ponto para que não fossem feitas alterações, omitidas resoluções, que se comprovassem prejudiciais à obra no futuro".²¹ W. C. White teve que dizer antes aos delegados que se sentiria compelido "a pregar o que ele cria, fosse qual fosse a maneira que a conferência resolvesse a questão" concernente às dez pontas, se ela fosse posta em votação.²² Tanto a Sra. White como Waggoner apelaram em favor de estudo mais aprofundado da Bíblia antes que fosse tomada qualquer espécie de decisão. "A igreja pode examinar resolução por resolução para derrubar toda discordância de opiniões", escreveu ela em 1892, "mas não podemos forçar a mente e a vontade, e remover assim o dissentimento. Estas resoluções podem disfarçar a discórdia, mas não podem extingui-la e estabelecer a perfeita anuência." Ela sugeriu que a "tolerância cristã" em alguma espécie de crença era necessária. Por outro lado, "as grandes verdades da Palavra de Deus estão expressas com tanta clareza que ninguém precisa cometer um erro ao procurar entendê-las". Ela, porém, permaneceu firme contra aqueles que tornavam "meros montículos de terra... em montanhas e... e erguiam barreiras entre irmãos".²³

Infelizmente, a base do problema relacionado com os tradicionalistas de 1888 (e muito do restante da história da igreja) foi que eles ficaram confusos entre os montículos e as montanhas, crendo que seus montículos eram realmente as montanhas mais importantes na esfera da geografia espiritual. Mas porque não possuíam nenhuma posição bíblica bem definida quanto a essas "montanhas", eles foram forçados a pensar em legislação de credo ou em alguma outra forma de

autoridade humana para apoiar-lhes os pontos de vista.

Apelos à autoridade de Ellen White

Todos concordavam, contudo, que um “testemunho” de Ellen White sobre os pontos discutidos seria melhor do que a autoridade humana, e resolveria o assunto. Afinal, não foram seus testemunhos vindos de Deus? De modo especial, Butler estava entusiasmado com a possibilidade de conseguir uma resposta direta vinda de Deus via pena de Ellen White. Entre junho de 1886 e outubro de 1888, ele escreveu uma série de cartas, tentando incentivar, ou mesmo pressionar Ellen White a fornecer a interpretação autorizada de que ele necessitava para defender o assunto de Gálatas. Tivesse ele sido mais bem-sucedido, poderia ter escrito uma obra intitulada *How to Push a Prophet* (Como se Força um Profeta).

Usando a boa psicologia, Butler começou de maneira branda a querer obter uma resposta da Sra. White. Em 20 de junho de 1886, escreveu-lhe reclamando dos ensinamentos de Jones e Waggoner no Colégio de Healdsburg e seus escritos nos *Signs*, que tratavam da lei em Gálatas como sendo a lei moral — um ponto, frisou ele, que estava em desarmonia com os ensinamentos tradicionais adventistas. Em seguida, Butler introduziu discretamente seu apelo, chamando-lhe bondosamente a atenção no sentido de dar uma resposta apropriada: “Ouvi dizer, anos atrás, que a senhora recebeu iluminação com respeito à lei que foi abolida, no sentido de que ela se relacionava com o sistema provisório, em lugar de a lei moral. Acho que esta questão deveria, de alguma forma, ser resolvida. Seria a pílula mais amarga para muitos de nossos irmãos que lideram, ser forçados a ver a idéia geralmente ensinada, de que a lei que foi abolida... era a própria

lei moral.”²⁴

Em 23 de agosto o presidente da Associação Geral saiu um pouco mais a campo sobre o assunto. Após salientar que o assunto estava provocando controvérsia, Butler se tornou bem específico com respeito à confrontação de Stephen Pierce e J. H. Waggoner, na década de 1850, quando a liderança adventista adotara a interpretação da lei cerimonial. Ele sugeriu então que poderia escrever um trabalho sobre o assunto, uma vez que “o verdadeiro ponto de vista jamais fora até então plenamente apresentado na imprensa”. Finalmente, insinuou que conhecia muito pouco da opinião dela, oferecendo assim uma oportunidade à Sra. White de dar o seu aval ao “verdadeiro” ponto de vista que ele acabara de esboçar-lhe. Que Butler esperava uma resposta, é evidente das seguintes poucas sentenças de sua autoria. “Naturalmente, seria um verdadeiro choque para mim, após estudar a questão por tanto tempo e ela se haver tornado tão clara para mim, se lhe fosse mostrado que a posição que defendo estava errada. Mas estou certo de que aceitaria isto, e no mínimo ficaria tranqüilo, se não pudesse entendê-lo claramente. Esta é a única posição certa a tomar, pois conhecemos os dons do Espírito.”²⁵ O Presidente Butler podia dar-se ao luxo de ser humilde, desde que não tivesse nenhuma dúvida de que Ellen White validaria sua posição. Uma vez mais, porém, ela deixou de atender ao seu gentil convite para falar sobre o assunto. Sua resposta foi o silêncio sobre a questão.

Por volta de 16 de dezembro de 1886, Butler estava impaciente com o silêncio da profetisa. Seu plano de ter a questão decidida pela resolução de um credo na sessão da Associação Geral, havia falhado, e ele estava começando a ficar desesperado com relação à falta de cooperação de Ellen White para com seus ternos apelos. “Temos aguardado durante anos, ouvir de sua parte sobre o assunto (de Gálatas)”, deixou

ele escapar inadvertidamente, “sabendo que sua discussão ficaria apenas no debate.” Doze dias mais tarde ele lhe disse abertamente que “nada menos que um testemunho vindo do Céu” mudaria sua idéia sobre questões intimamente relacionadas com o problema de Gálatas.²⁶

Março de 1887 encontrou Butler com disposição um pouco melhor. Ele havia recebido a reprovação feita no mês de fevereiro por Ellen White a Waggoner e Jones por tornarem públicos os seus pontos de vista controvertidos. Butler tomou algo de suas advertências como sendo uma indicação de que ela estava do seu lado na controvérsia de Gálatas. Agora ele estava convencido de que Ellen White dizia coisas certas. Por essa razão, fê-la lembrar-se de que lhe escrevera diversas vezes sobre o assunto, “mas não recebera nenhuma resposta”. Enquanto lhe garantia que não estava insistindo com ela para que fizesse uma declaração, ominosamente insinuava que achava “justo que depois de toda aquela agitação relativa a esse assunto, se fizesse bastante arruaça até que sua opinião seja conhecida. A senhora vai ver se não o será. Se nosso povo ficasse sabendo que a senhora havia recebido iluminação quanto à lei moral não ser a lei abolida, a questão seria resolvida em boa ordem. É precisamente isto que nosso povo está esperando saber com muita ansiedade”.²⁷

Tendo como certo que a Sra. White viria a público em defesa de sua posição, ele ficou ao mesmo tempo magoado e surpreso quando ela lhe escreveu no mês de abril que sua carta censurando os homens mais jovens não significava que ela achasse que a posição de Butler era correta.²⁸ Depois dessa “traição”, Butler não gastou mais nenhuma tinta, pedindo sua opinião sobre o assunto.

Em 1 de outubro de 1888, o presidente da Associação Geral foi mais longe em busca do apoio de Ellen White. Ele a atacou e condenou por seu silêncio,

a despeito de seus repetidos pedidos com respeito ao assunto de Gálatas. Ele ainda a responsabilizou por sua saúde combalida. Depois disso, ele a ameaçou abertamente. Se ela não viesse a público com a interpretação adequada, escreveu Butler, não somente “se abriria uma grande porta para a penetração de outras inovações e a demolição de nossas antigas posições da fé”, mas “contribuiria para abalar a confiança do nosso povo nos próprios testemunhos. E toda essa questão, acredito, contribuiria mais para destruir a confiança em seu trabalho do que qualquer coisa que já ocorreu desde que esta causa passou a existir, se este movimento do Pacífico sobre as questões de Gálatas for mantido... Se nosso povo vier a pensar que o outro lado é defendido, isto abalará a fé de muitos de nossos obreiros que lideram, nos testemunhos. Não há nenhum outro resultado possível”.²⁹ Não há dúvida de que Butler se estava incluindo entre aqueles cuja fé seria abalada.

A seqüência das cartas de Butler é interessante, devido à maneira que muitos adventistas vêem os conselhos de Ellen White. Muitos têm, silenciosa ou verbalmente, desejado que ela visse em nossos dias, a fim de que pudessem perguntar-lhe o “verdadeiro” significado de uma passagem bíblica. Na seqüência de Butler encontramos sua resposta a uma tal tentativa de aproximação—silêncio, desapontador silêncio. Ela se recusou a favorecer os planos dos tradicionalistas que praticamente exigiam que ela resolvesse o assunto de Gálatas dando uma resposta oficial, fosse apelando para um testemunho que ela escreveu a J. H. Waggoner nos anos de 1850, mas posteriormente perdido, fosse fazendo um pronunciamento oficial. Em outras palavras, eles queriam que ela funcionasse como uma policial teológica ou um árbitro exegeta. Ela, porém, se recusou a fazer isso. Como resultado, ela perdeu para muitos a sua credibilidade.

Ellen White não só se recusou a re-

solver a questão bíblica apelando para os testemunhos, mas foi mais longe ao dizer aos delegados nas reuniões de Mineápolis, em 24 de outubro de 1888, que fora providencial que ela houvesse perdido o testemunho dirigido a J. H. Waggoner, no qual havia expressamente resolvido o assunto de uma vez por todas nos anos de 1850. “Deus tem um propósito com isto. Ele deseja que vamos à Bíblia e busquemos a evidência das Escrituras.”³⁰ Em outras palavras, ela estava mais interessada no que a Bíblia tinha a dizer sobre o assunto do que naquilo que ela havia escrito. Os testemunhos não deviam tomar o lugar da Bíblia. Ela realçaria novamente esse assunto no início de 1889, na publicação do *Testimony* 33, que reserva uma seção inteira a essa questão. Ela tornou claro que seus escritos deviam levar as pessoas “de volta à Palavra” e ajudá-las na compreensão dos princípios bíblicos,³¹ mas em tempo algum os considerou ela como sendo um comentário divino sobre as Escrituras.

Diante da recusa de Ellen White em “fabricar” um testemunho sobre o assunto de Gálatas, os tradicionalistas de Mineápolis devem ter sentido uma sensação de gratidão pelo fato de terem escritos dela publicados sobre a questão, especialmente quando, ao que parecia, ela havia identificado a lei em Gálatas em seus *Sketches From the Life of Paul* (1883). Em 24 de outubro, J. H. Morrison utilizou *Sketches* na tentativa de demonstrar a validade da interpretação da lei cerimonial. Ele leu para os delegados na página 193: “Ele [Paulo] descreve a visita que fez a Jerusalém para obter uma solução para todas as questões que agora estavam agitando as igrejas da Galácia, com respeito a deverem os gálatas se submeter à circuncisão e guardar a lei cerimonial.” Em seguida, Morrison leu sobre a discussão da natureza do problema dos gálatas na página 188: “Tendo conquistado este ponto, eles [os mestres judaizantes] os induziram [aos

cristãos da Galácia] a voltar à observância da lei cerimonial, como sendo essencial à salvação. A fé em Cristo, e a obediência à lei dos dez mandamentos, foram consideradas como de pouca importância.” Esta última citação parecia resolver dois pontos de uma só vez — aparentemente, validava a interpretação da lei cerimonial, enquanto explicitamente fazia cessar a posição de Waggoner com um golpe fatal. De pois Morrison leu na página 68, onde Ellen White falou do jugo da servidão mencionado tanto em Atos 15:10 como em Gálatas 5:1: “Este jugo não era a lei dos dez mandamentos, como querem aqueles que se opõem à submissão ao preceito da lei; mas Pedro se refere à lei cerimoniais, que se tornaram nulas e sem efeito pela crucifixão de Cristo.”³² Uma vez apresentada esta evidência, Morrison e os tradicionalistas devem ter achado que encerraram a questão. Afinal, eles possuíam uma citação de Ellen White, e acreditavam que seu comentário era a palavra final sobre a verdade bíblica.

Essa posição, contudo, não foi a única que Ellen White tomou em Mineápolis. Naquela manhã mesmo (antes da apresentação de Morrison), falando da questão de Gálatas, ela havia dito: “Não posso tomar posição sobre um dos lados enquanto não tiver estudado a questão.”³³ Foi nesse contexto que ela observou que havia sido providencial não ter ela encontrado seu testemunho dirigido a J. H. Waggoner sobre o assunto. Ele teria sido usado de maneira incorreta, para impedir que as pessoas examinassem a Palavra de Deus. Ellen White recebeu esclarecimento para os delegados da Associação Geral sobre o assunto de Gálatas, mas esse esclarecimento, como repetia sempre, foi no sentido de que eles precisavam estudar a Bíblia, e não confiar em qualquer outra forma de autoridade, quando buscavam o significado das Escrituras. Ela imprimiria essa mensagem ao voltar para casa em seu último sermão anotado em Mineá-

polis — “Um apelo a Um Mais Profundo Estudo da Palavra”.³⁴ Parece que ela não estava impressionada com o uso que Morrison fez de *Sketches* para provar o seu ponto de vista. Não temos nenhuma indicação de que ela considerou o assunto encerrado dessa maneira, nem ela citou seus próprios escritos em Mineápolis para resolver qualquer assunto, fosse teológico, histórico ou bíblico. Seus escritos tinham o seu objetivo, mas parece que um deles era não fornecer um comentário infalível sobre a Bíblia.



A Sra. White tomara a mesma posição vinte anos mais tarde, no debate sobre o significado do “contínuo” de Daniel 8. Nessa contenda, os tradicionalistas (desta vez liderados por S. N. Haskell) “indefiniriam a verdade presente”, porque o antigo ponto de vista se havia baseado numa declaração de *Primeiros Escritos* de Ellen White. Assim, a nova interpretação do contínuo era “contrária aos antigos pontos instituídos da fé”.³⁵ Haskell foi explícito com respeito a seu ponto de vista da relação dos escritos da Sra. White para com a Bíblia: “Devíamos entender tais expressões com a ajuda do Espírito de Profecia. ... Com este propósito, o Espírito de profecia nos foi concedido. ... Todos os pontos devem ser resolvidos”³⁶ dessa maneira. A Sra. White pôs fim aos argumentos de Haskell. “Não recebi nenhuma interpretação sobre o assunto em discussão”, escreveu ela. Ela não via nenhuma razão para a existência de polêmica, uma vez que “este assunto não é de vital importância. ... Que cesse toda contenda.”³⁷

Como em Mineápolis, ela não foi partidária das pessoas, a despeito de quão sinceras fossem elas, ao usar seus escritos para estabelecer novos pilares ou criar interpretações rígidas das Escrituras.³⁸

A autoridade da Bíblia

Waggoner, Jones e os White se mantiveram em harmonia sobre o uso da autoridade nas decisões sobre assuntos teológicos. Todos eles afirmavam que a Bíblia é o único árbitro da crença cristã. Como resultado, eles permaneceram unidos contra as tentativas da velha guarda de utilizar outras formas de autoridade para resolver questões bíblicas.

De modo especial Ellen White foi insistente quanto à necessidade de estudo da Bíblia nas disputas teológicas decisórias. Em abril de 1887, por exemplo, ela escreveu a Butler e Smith que “necessitamos da evidência bíblica para cada ponto em que avancemos. Não necessitamos superar os pontos com asserções como o Pastor Canright tem feito”.³⁹ Em julho de 1888, ela revelou sua posição com a maior clareza, ao publicar na *Review* que “a Bíblia é a única regra de fé e doutrina”.⁴⁰

Contudo, sua mais importante declaração concernente à disputa sobre autoridade teológica que estava agitando os líderes denominacionais, quando eles se deixaram arrastar pela corrente de Mineápolis, foi escrito em 5 de agosto de 1888. Nesse dia escreveu ela uma carta aos “irmãos que se reuniriam na Associação Geral”. Essa carta circular recebeu pouca atenção no passado, mas seria vista como um dos documentos mais importantes, relacionados com a sessão da Associação Geral de Mineápolis. A carta pôs em relevo especialmente o desenrolar da crise relacionada com o espírito de Mineápolis e a solução para esse proble-

ma por meio da assimilação do espírito de Jesus. Mais do que isso, era um vigoroso apelo para que cada indivíduo estudasse a Bíblia e evitasse manter apenas as antigas maneiras. “Não devemos fincar nossas estacas”, escreveu ela em alusão à posição Smith-Butler, “e depois interpretar tudo visando chegar a este ponto estabelecido. Foi neste ponto que alguns dos nossos grandes Reformadores [do passado] falharam, e esta é a razão pela qual homens que poderiam ser potentes campeões para Deus e a verdade, estão em guerra contra a verdade.” Ela apelou para que os adventistas não incorressem no mesmo erro, e conclamou ao franco exame das questões controvertidas de Mineápolis.⁴¹ Butler não teria como escapar às implicações dessa carta pública. Sua mão foi forçada, e no final do mês ele anunciou na *Review* que os assuntos sobre os quais “pudessem existir algumas diferenças de opinião” deveriam ser estudados na próxima sessão da Associação Geral.⁴²

“Examinai cuidadosamente as Escrituras para ver o que é a verdade”, escreveu a Sra. White em sua carta de 5 de agosto de 1888. “A verdade nada tem a perder por causa da atenta investigação. Que a Palavra de Deus fale por si mesma; seja ela seu próprio intérprete, e a verdade brilhará como preciosas gemas em meio aos detritos.” Ela censurou os ministros adventistas por aceitarem com tanta facilidade as opiniões alheias. “Há uma indolência mais espantosa a que se entrega numerosa classe de nossos ministros que estão desejosos que outros pesquisem as Escrituras em seu lugar; e eles recebem a verdade de seus lábios como sendo um fato positivo, mas não sabem se ela é a verdade bíblica mediante pesquisa individual e profunda convicção do Espírito de Deus em seu coração e mente.

“Nosso povo”, continuou ela, “deve entender individualmente a verdade bíblica de maneira mais completa, pois certamente será chamado perante con-

cílios; eles serão criticados por mentes atiladas e críticas. Uma coisa é dar aprovação à verdade; outra é, mediante o acurado exame como estudantes da Bíblia, saber o que é a verdade. ... Muitos, muitos se perderão porque não estudaram ajoelhados a sua Bíblia, com fervorosa oração a Deus para que a penetração da palavra divina possa trazer-lhes iluminação ao entendimento.”

“A Palavra de Deus é o maior detector do erro; cremos que a ela tudo deve ser levado. ... A Bíblia deve ser nossa norma para toda doutrina e prática. ... Não devemos receber a opinião de ninguém sem compará-la com as Escrituras. Aí está a autoridade divina que é suprema em questões de fé. É a Palavra do Deus vivo que deve resolver todas as controvérsias. É quando os homens misturam seus sentimentos humanos com as palavras da verdade de Deus, desferindo golpes agudos contra aqueles que estão em disputa com eles, que revelam não ter uma santa reverência para com a inspirada Palavra de Deus. Eles misturam o humano com o divino, o comum com o santo, e debilitam a Palavra de Deus.”⁴³

Com esta vigorosa carta, Ellen White deu um forte começo antecipado ao tema que ela levantaria em Mineápolis e durante todos os anos da década de 1890. Na véspera das reuniões de 1888, ela mencionou que Butler e Smith estavam “muito agastados por se ter dito alguma coisa sobre a lei em Gálatas, mas”, observou ela, “não consigo ver como isto pode ser evitado. Devemos tomar a Bíblia como nossa norma e, diligentemente, pesquisar-lhe as páginas à procura de luz e evidências da verdade”.⁴⁴ Durante as reuniões, suas mensagens foram melificadas com esse tema. Três de seus comentários em Mineápolis sobre o assunto são particularmente penetrantes. Em primeiro lugar, ela afirmou que “se temos a verdade, ela continuará de pé” mediante investigação cuidadosa.⁴⁵ Em segundo, ela indicou que não poderia tomar uma posição sobre os assuntos

controvertidos, enquanto não tivesse estudado a questão pela Bíblia. Ela não procurou forçar uma interpretação baseada em suas obras publicadas. Nem tencionava sentar-se passivamente e aguardar uma visão. Seu método era o mesmo que ela recomendava para os outros — ativo estudo da Bíblia. Em terceiro lugar ela continuou a defender a supremacia da Bíblia. “As Escrituras devem ser vosso objeto de estudo”, disse ela aos delegados em sua última mensagem, “então sabereis que tendes a verdade. ... Não deveis crer em qualquer doutrina apenas porque outros dizem que é a verdade. Não deveis crer nela porque o Pastor Smith, ou o Pastor Kilgore, ou o Pastor Van Horn, ou o Pastor Haskell disse que ela é a verdade, mas porque a voz de Deus o declarou em Seus oráculos viventes.”⁴⁶ Ela poderia ter facilmente acrescentado o seu próprio nome à essa lista, dada a posição que havia tomado durante as reuniões.

A Sra. White foi obstinada, tanto durante a conferência como depois, no sentido de que ambos os lados do argumento da controvérsia sobre Gálatas necessitavam ser submetidos ao minucioso escrutínio do severo estudo da Bíblia.

Em 9 de dezembro de 1888, ela fez uma pergunta importante: “Se toda idéia que temos festejado como doutrinas é verdade, não deveriam estas levar a verdade a ser investigada? Vacilará ela e cairá se criticada? Se assim é”, respondeu ela, “deixai-a cair; o quanto antes melhor. O espírito que fecha a porta à investigação de pontos da verdade de uma forma cristã não é o Espírito que vem do alto.”⁴⁷ Dois dias depois ela escreveu a Butler que “a Bíblia, a Bíblia somente, entesourada no coração e abençoada pelo Espírito de Deus, pode tornar o homem justo e conservá-lo justo”.⁴⁸

Ellen White não nos deixou com nenhuma dúvida no que se refere à supremacia da Bíblia em fé e prática. Em Mineápolis ela foi realmente uma “luz

menor” apontando para (em lugar de dominando) a “luz maior” da Bíblia.

Aplicando as lições sobre autoridade

Ociclo de crises de autoridade tende a repetir-se até o fim do tempo. Se Smith e Butler foram considerados como autoridades em 1888; Jones, Waggoner e Prescott desempenharam o seu papel para um grande número de adventistas nos anos 1890. Essa tradição foi transferida para o século vinte. Recentemente (1987), Jones e Waggoner foram reunidos num livro influente como parte do “trio inspirado”.⁴⁹ Tal identificação tende a confundir os homens com sua mensagem. Além disso, e melhor ainda, tal identificação perpetua um dos problemas fundamentais de Mineápolis — a falha dos adventistas em não usar a Bíblia como a única regra de doutrina e prática. A Sra. White se colocou firmemente ao lado de Jones e Waggoner por causa do seu apelo em favor do estudo com a Bíblia aberta e pelo realce que deram à justiça de Cristo com base na Bíblia. Seu apelo foi para que os adventistas se envolvessem no mais intenso estudo da Bíblia, da mesma maneira que o estavam envolvidos os jovens reformadores de 1888. Fixar-se em suas palavras e ler a Bíblia através de seus olhos é apenas repetir o erro da era pós-reforma, como a segunda e a terceira geração leram sua Bíblia à luz dos reformadores do século dezois. O grande apelo de 1888 foi no sentido de que os adventistas deixassem esses falsos caminhos e se tornassem ativos no intenso estudo das Escrituras, dirigido pelo Espírito. O desafio é ampliar e enriquecer a cabeça-de-ponte teológica de Jones e Waggoner; não canonizá-la.

1. W. C. White to Mary White, 3 de novembro de 1888.

2. E. J. Waggoner, *The Gospel in the Book of Galatians*.

- tians, págs. 56, 59, 60, 66 e 67.
3. *Ibidem*.
 4. A. T. Jones para Uriah Smith, 3 de dezembro de 1886. Cf. W. C. White a George I. Butler, 16 de agosto de 1888.
 5. W. C. White a C. Eldridge, 14 de maio de 1887.
 6. W. C. White a Stephan N. Haskell, 9 de dezembro de 1909.
 7. W. C. White a J. H. Waggoner, 27 de fevereiro de 1889. Ver também, Arthur L. White, "Thoughts on Daniel and the Revelation", *Ministry*, jan. 1945, págs. 11-13, 46.
 8. George I. Butler. *Leadership*, pág. 1; Ellen G. White to George I. Butler, 14 de outubro de 1888; Ellen G. White a Mary White, 4 de nov. de 1888.
 9. Ellen G. White a Mary White, 4 de novembro de 1888.
 10. E. G. White a S. N. Haskell, 14 de dezembro de 1891.
 11. Ellen G. White, MS 37, cir. 1890.
 12. *Ibidem*.
 13. Ellen G. White a William M. Healey, 9 de dezembro de 1891. Cf. Ellen G. White, MS 37, cir. 1890.
 14. Ellen G. White, notas escritas a mão sobre a Associação Geral de 1888, Livro 1 ("E"), 15 de outubro de 1888, pág. 27; Uriah Smith a A. T. Robinson, 21 de setembro de 1892.
 15. J. H. Waggoner à Associação Geral, 10 de outubro de 1887.
 16. Ellen G. White, MS 37, cir. 1890.
 17. George I. Butler a Ellen G. White, 16 de dezembro de 1886.
 18. Uriah Smith, *Review and Herald*, 14 de dez. de 1886, pág. 779.
 19. L. A. Smith, *Review and Herald*, 10 de maio de 1887, págs. 289 e 299.
 20. *Journal* de Mineápolis, 18 de out. de 1888, pág. 2; *Tribune* de Mineápolis, 18 de out. de 1888, pág. 5.
 21. Ellen G. White a R. A. Underwood, 18 de janeiro de 1889; Ellen G. White, MS 8^a, 21 de out. 1888.
 22. W. C. White a Mary White, 3 de nov. de 1888.
 23. Ellen G. White a Mary White, 4 de nov. de 1888; Ellen G. White, MS 15, nov. de 1888; Ellen G. White, MS 24, n. d. 1892. Ellen G. White, praticava o que ela pregava sobre o assunto de alteração nas crenças. Na controvérsia sobre os concertos, em 1890, por exemplo, ela não afirmou que os ministros deviam concordar com sua posição que havia sido publicada em *Patriarcas e Profetas* — uma posição que lhe havia sido "mostrado" ser correta.
 24. George I. Butler, a Ellen G. White, 20 de junho de 1886.
 25. George I. Butler a Ellen G. White, 23 de agosto de 1886.
 26. George I. Butler a Ellen G. White, 16 e 28 de dezembro de 1886.
 27. George I. Butler a Ellen G. White, 31 de março de 1887.
 28. Ellen G. White a George I. Butler e Uriah Smith, 5 de abril de 1887.
 29. George I. Butler a Ellen G. White, 1 de outubro de 1888.
 30. Ellen G. White, MS 9, 24 de out. de 1888.
 31. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 5, págs. 663-668.
 32. Ellen G. White, *Sketches from the Life of Paul* (Battle Creek, 1883), págs. 193, 188 e 68. Para dados relacionados com a data das leituras de *Sketches*, ver W. C. White, notas manuscritas sobre a Associação Geral de 1888, Livro 1 ("E"), págs. 63 e 67; Wahlen, "Selected Aspects of Ellen J. Waggoner's Eschatology", pág. 74; Ellen G. White, MS 24, cir. nov. ou dez. 1888.
 33. Ellen G. White, MS 9, 24 de out. de 1888.
 34. Ellen G. White, MS 15, nov. 1888.
 35. S. N. Haskell a Ellen G. White, 30 de junho de 1907; 25 de fev. de 1909; 6 de dezembro de 1909; S. N. Haskell a Ellen G. White e W. C. White, 18 de nov. de 1907; S. N. Haskell a W. C. White, 6 de dez. de 1909; S. N. Haskell a C. C. Crissler (cic), 30 de março e 15 de abril de 1908; S. N. Haskell a WWP, 15 de nov. de 1907; WWP a S. N. Haskell, 1 de dez. de 1907; Ellen G. White, *Early Writings* (Washington, D. C.: Review and Herald Publishing Assn., 1945), págs. 74 e 75.
 36. *Ibidem*.
 37. Ellen G. White a "Brethren in the ministry", 3 de agosto de 1910; Ellen G. White, MS 11, 31 de julho de 1910. Para melhor discussão da questão sobre o contínuo, ver Gilbert M. Valentine, "William Warren Prescott: Seventh-day Adventist Educator". 2 vols., Ph. D. dissertation, Andrews University, 1982, págs. 389-426.
- Alguns têm sugerido que aquilo que apresentei sobre Ellen G. White em relação com a Bíblia na resolução das divergências teológicas perde o seu efeito no tratamento dela para com o problema de A. F. Ballenger sobre o ensino do santuário em 1905. Nessa ocasião, ela agiu com muito mais autoridade do que durante os conflitos sobre Gálatas e o "contínuo". Assim, o incidente com Ballenger é um excelente caso de prova para a minha tese. Como hipótese preliminar, parece-me que há uma diferença fundamental entre o caso de Ballenger e os outros dois. De acordo com a perspectiva de Ellen White, o ponto em questão na controvérsia de Ballenger, já havia sido estudado completamente pela Bíblia, por meio dos eruditos adventistas; enquanto a lei em Gálatas e o "contínuo" ainda necessitavam de mais atenção quando surgissem discordâncias sobre ele. Como resultado, ela se relacionou com a situação de Ballenger de maneira diferente daquela em que se havia relacionado nos outros casos. Essa hipótese ainda devia ser comprovada, mas essa prova deveria revelar-se uma interessante e significativa tarefa para alguns dos estudiosos no futuro. Notar-se-ia que o aparentemente discriminatório tratamento dispensado à situação de Ballenger não deveria ser atribuído a algum histórico progresso em sua posição teológica, uma vez que o incidente com Ballenger é explicado pelas controvérsias de Gálatas e do "contínuo".
38. *Ibidem*.
 39. Ellen G. White a George I. Butler e Uriah Smith, 5 de abril de 1887.
 40. Ellen G. White, *Review and Herald*, 17 de julho de 1888, pág. 449.
 41. Ellen G. White aos "irmãos que se reunirão na Associação Geral" 5 de agosto de 1888.
 42. *Ibidem*.
 43. *Ibidem*.
 44. Ellen G. White a Mary White, 9 de out. de 1888.
 45. Ellen G. White, MS 9, 24 de out. de 1888.
 46. Ellen G. White, MS 15, nov. de 1888.
 47. Ellen G. White a William M. Healey, 9 de dez. de 1888.
 48. Ellen G. White a George I. Butler e esposa, 11 de dez. de 1888.
 49. Robert J. Wieland e Donald K. Short, *1888 Re-examined*, rev. ed., pág. 75.